



# PORTUGAL DEMOCRÁTICO

ANO XIII — N.º 137 — S. PAULO, FEVEREIRO DE 1969 — REDAÇÃO: RUA LIBERO BADARÓ, 488 — 5.º ANDAR — SALA 50 — CAIXA POSTAL, 6248

## Católicos Contra a Guerra



### SOLDADOS DENUNCIAM GENOCÍDIO EM MOÇAMBIQUE

Imagens como esta representam o melhor dos desmentidos oferecidos à propaganda mistificadora que o governo do sr. Marcelo Caetano desenvolve sobre a guerra colonial. Estes cinco soldados portugueses — seguindo o exemplo de muitos companheiros, desertores ou prisioneiros — proclamaram, em declarações distribuídas pelas agências noticiosas, a sua oposição ao monstruoso genocídio em curso na Guiné, Angola e Moçambique. Pelas entrevistas que concederam no campo onde se encontram, na situação de prisioneiros da FRELIMO, pode-se avaliar a profundidade da revolta desses rapazes contra a engrenagem. "Haverá quem diga que trai o meu país — desabafou um deles — mas eu não o trai: sou eu e todo o povo português que estamos sendo traídos!" Nesse grito de revolta transparece o mesmo desespero de companheiro que pergunta "Se o nosso país está ameaçado porque nos mandam embora de lá?" a mesma recusa de participar do crime organizado, tão bem expressa pelo soldado que exclama "Eu vim como todos os soldados portugueses: à força! Não lutamos por nada!" (v. pág. 4)

## PELA UNIDADE E PELA ACÇÃO

O acto "eleitoral" do ano corrente surge, num panorama ainda carregado de perplexidades, como uma etapa de extraordinária importância. Será pela opção em face dele que as forças democráticas se definirão perante o fascismo. A ideia de que o sr. Marcelo Caetano fará jogo limpo e que das "eleições" poderá sair uma Assembléia com "maioria democrática" não é apenas ridícula: surge-nos como fonte de perigosas ilusões pelos compromissos e concessões que pode vir a engendrar, enfraquecendo o campo oposicionista.

O sr. Marcelo Caetano, a esta altura, já elaborou minuciosamente o seu plano. Joga com cartas marcadas. Não se oporá a que sejam "eleitos" alguns adversários do regime. Essa "eleição" cabe mesmo na sua política, ser-lhe-ia de grande utilidade. Provavelmente já pensou inclusive nos nomes, já fixou o número de anti-salazaristas que desejaria ver em São Bento, sentados ao lado dos deputados da U.N., participando de debates grotescos, oferecendo ao País e ao Mundo a imagem de uma Assembléia "democraticamente eleita", prova da profundidade da sua política "liberalizante".

Admitir a possibilidade da lisura do processo "eleitoral" equivale para nós a uma capitulação prévia. A alternativa é clara. Ou o período "eleitoral" decorre de acordo com as previsões e os preparativos do Governo e a contagem dos votos será uma formalidade hipócrita; ou as forças democrá-

ticas, unidas perante o inimigo, desafiam a engrenagem fascista e o esclarecimento e a mobilização populares passam a ser o objectivo, sobrepondo-se a ilusões legalistas. Se isso acontecer, tudo será possível, até mesmo um levantamento nacional que assinalaria o fim do fascismo.

Acenar ao povo com a conquista de uma maioria parlamentar no quadro de um Estado fascista (que deixaria então de sê-lo) é um absurdo gritante, uma demonstração de infantilismo político. Mas a certeza de que se aproxima uma batalha cujas regras são ditadas pelo adversário e cujo resultado legal foi pré-fixado não deve constituir motivo de desalento, já que o fim visado não pode ser o Parlamento caetanista, mas sim a criação de uma atmosfera de esclarecimento, contestação e luta, de um diálogo com o povo que crie condições para a destruição do próprio Estado fascista.

O tempo é pouco. Os representantes dos partidos, grupos e personalidades da Oposição democrática enfrentam uma grande responsabilidade histórica. A oportunidade para ferir de morte o fascismo é muito favorável. Mas para o fazerem precisam de realizar a sua unidade em torno de uma plataforma política que necessariamente terá de ser anti-fascista. A sobrevivência das ilusões legalistas apenas serve o inimigo comum: o Estado neo-salazarista.

PORTUGAL  
DEMOCRÁTICO

Cerca de 200 católicos ocuparam a Igreja de S. Domingos em Lisboa, durante toda a noite de 31 de dezembro para 1.º de janeiro, depois da missa "pela paz", ali celebrada pelo Cardeal Cerejeira. A manifestação, que teve a maior repercussão em todo o país, destinava-se a protestar contra a falta de consciência do Cardeal Patriarca de Lisboa, em relação à guerra colonial. Na altura foi lido, na presença de Cerejeira, um violento documento em que a Igreja era acusada de cumplicidade na guerra que Portugal vêm mantendo em África. A "vigília de contestação" dos católicos prolongou-se pela noite adiante e constituiu a mais violenta e direta manifestação até hoje realizada dentro da Igreja contra a guerra criminosa que o fascismo português vem mantendo nas colônias. No documento, a cuja leitura o Cardeal Patriarca foi obrigado a assistir, acusa-se o governo do Estado Novo de torturar os prisioneiros e a Igreja de hipócritamente fingir que ignora estes atos criminosos. Entre os 200 manifestantes que ocuparam a Igreja contavam-se seis padres, que ali permaneceram toda a noite, orando e debatendo as condições necessárias para uma verdadeira paz nas colônias, numa atitude realmente cristã, bem diferente da falsidade da alta hierarquia representada por Cerejeira.

No dia 1 de janeiro foram distribuídas à porta das igrejas de Lisboa cópias de outro documento, composto de vários textos e pronunciamentos a favor da paz, precedidos de um artigo de responsabilidade da Juventude Universitária Católica no qual os cristãos são chamados a refletir sobre os problemas da paz no contexto nacional. Inclui o mesmo trechos da Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, da encíclica *Pacem in Terris*, das resoluções do 3.º Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos, realizado em Roma em outubro de 1967 e do discurso de Paulo VI na ONU em 4 de outubro de 1965.

O artigo da Juventude Universitária Católica divide-se em três partes:

1. Os cristãos e a paz sem dificuldade; 2. Os cristãos e a paz difícil: a Pátria e as Pátrias; 3. Interrogações da consciência cristã sobre a paz, hoje.

Não dispondo de espaço para a transcrição de todo o artigo, limitamo-nos à reprodução da última parte em que se coloca à consciência dos cristãos as seguintes questões: "I — Vivemos um momento

(Continua na pág. 6)

co  
e  
S  
ien  
te  
uple  
ublico  
uniza-  
O, ac-  
GUEM,  
Jean  
r; JO-  
CA-  
canto-  
io Le-  
RRAT,  
ARAU-  
MAU-  
riador:  
R DE  
e jor-  
BOTE,  
AVEL,  
grande  
Paris,  
SOCIA-  
L DOS  
texto  
a pela  
al dos  
de solu-  
luta do  
e reali-  
ociação  
itas De-  
os anos  
as vio-  
homem  
típlicou  
nterna-  
bserva-  
ocessos  
os mais  
sso.  
acional  
as está  
ações  
dos os  
instau-  
em Por-  
cretário  
Rua Libero Badaró, 488 — 5.º - Sala 50  
PORTUGAL DEMOCRÁTICO  
Endereços de Assinantes



# Um companheiro caído no campo de batalha

Uma entrevista de Ruy Gomes

MIGUEL URBANO RODRIGUES

Vitória ou morte! A vitória é certa! Venceremos!

Releio as palavras impressas na carta em que um elemento do M.P.L.A. me anuncia a morte de Americo Boavida. Releio-as e encontro nelas o companheiro leal, o amigo querido, o revolucionário integral.

Era uma amizade incomum a que nos ligava. Em carta recente escrevia-me: "Procurei descobri-lo na fotografia do acto de lançamento do meu livro, em São Paulo, e não consegui identificá-lo. Não me recordo das suas feições, apesar de nos termos visto por breves momentos em Conaky. É uma estranha sensação ser-se fraternalmente amigo de alguém que se desconhece fisicamente".

Eu experimentara uma impressão semelhante ao receber uma foto dele para ser publicada nos jornais brasileiros. Era amigo daquele homem cuja fisionomia me causava o choque do não visto. Mantínhamos há sete anos uma correspondência regular em que ambos, pouco a pouco, havíamos posto muito da nossa verdade interior. Pude acompanhá-lo no seu inquieto deambular de revolucionário por Conakry, Leopoldville, Rabat, Brazaville, Dar-es-Salaam, Lusaka e, ultimamente, pelas savanas do Leste angolano onde a morte o deteve. A primeira troca de cartas nasceu do trabalho que os democratas portugueses realizaram no Brasil, a partir de junho de 1961, em apoio da Revolução Angolana, quando foi fundado o Movimento Afro-Brasileiro de Libertação de Angola (MABLA). Era preciso que o Brasil tomasse conhecimento imediato do genocídio praticado na terra de Angola. A campanha de esclarecimento foi um êxito e a ela se deve em grande parte a criação das condições que tornaram possível uma situação que todos os esforços posteriores do governo fascista de Lisboa não puderam anular: a solidariedade da opinião pública brasileira à luta do povo angolano.

Com o tempo, a nossa correspondência mudou. Deixou de ser o cumprimento de uma tarefa impessoal. A confiança mútua foi tecendo os fios de uma sólida amizade. Nessa relação afectiva Americo Boavida tinha sempre muito mais a dar-me. Eu, admirando-o, invejava-o. Raramente o revolucionário tem oportunidade de se realizar individualmente de uma forma integral. Americo Boavida pôde fazê-lo. A Revolução Angolana abriu-lhe essa possibilidade.

Havia nele uma sêde inextinguível de paz entre os homens. Amava a profissão e acreditava que, noutra época e noutras circunstâncias, se teria votado com paixão exclusiva à Medicina e à sua especialidade. Mas recusou a escolha fácil: ser um grande médico negro no Portugal fascista ou numa Angola escravizada. Preferiu ser um revolucionário que nunca esqueceu a condição de médico.

A opção feita tinha de levar um tal homem a uma disponibilidade total. Há uma coerência absoluta em todos os actos do revolucionário. Quando uma discordância episódica lhe impõe um tempo de meditação em Rabat, é uma vez mais a sua autenticidade que prevalece. Só pode servir com eficácia a Revolução angolana quando acredita plenamente no sentido da sua militância. É aliás durante esse intermezzo marroquino que escreve um livro que, por ser o primeiro de um revolucionário angolano editado no Brasil, havia de gerar uma feroz campanha do lobby salazarista (e da PIDE) neste País.

Em todas as etapas do seu caminhar de revolucionário itinerante a exigência moral de Americo Boavida é sempre a mesma, como identica é a sua irrestricta entrega às tarefas que lhe atribuem. O médico que cuida dos doentes do Hospital de Conakry é o mesmo espírito organizador que em Leopoldville, durante o êxodo gigantesco de 61, faz prodígios para que o M.P.L.A., com os seus poucos meios, e nas condições mais difíceis, preste a possível assistência a milhares de refugiados que fogem ao vendaval de destruição que varre o Norte de Angola. Na sua angústia e na sua impotência, o humanista não perde a confiança nos valores em que crê, mas o espectáculo dantesco fortalece e tempera o revolucionário.

Eu tinha uma certeza: Americo Boavida seria dos primeiros a instalar-se num pedaço livre do solo de Angola. A sua coragem, a sua humildade revolucionária, o seu amor pela terra e pelo povo colocavam-no na obrigação de se situar na primeira linha de combate ao colonialismo e ao imperialismo. Não estranhei, assim, a carta em que de Dar-es-Salaam, me anunciou a sua partida, em 67, no desempenho de "missão especial". Essa missão era a chefia dos serviços de Saúde da III Região. Cumpriu-a exemplarmente. Numa longa carta que me enviou em 8 de Fevereiro do ano passado, ao chegar a Lusaka, em breve licença, dava-me as suas primeiras impressões das regiões libertadas. Creio que a melhor homenagem que posso prestar ao amigo e ao companheiro é a transcrição de alguns parágrafos desse documento comovedor:

"O esforço político-militar desenvolvido pelos actuais responsáveis da nossa luta de libertação nacional representa o que de mais nobre, elevado e grandioso foi jamais realizado em Angola por Angolanos. No domínio que me cabe nesta grande epopeia — o da Saúde Pública — pela primeira vez pude sentir-me identificado com o que deve ser a razão de ser da minha vida. Obrigado a viver a vida secular, mil vezes primitiva de tantas dezenas de milhar de gentes, obrigado a dar-me total e completamente, nos mínimos aspectos do dia a dia,

para que os novos hábitos, mesmo os mais insignificantes, de higiene e de profilaxia fossem aceites em detrimento de costumes, de práticas e hábitos enraizados por tradições que nos escapam, mas contra as quais nos sentimos derrotados, obrigado a infectar-me, a correr o risco de promiscuidades que nos podem ser fatais para, mediante esses simples gestos, tocar a mentalidade desconfiada e por vezes hostil daqueles que temos por missão arrancar da ignorância e do obscurantismo, compreendi que na revalorização do Homem angolano, o primeiro capital é indubitavelmente o da Saúde.

Fiz estudos imensos, fastidiosos, e tão completos quanto possível, sobre este tão apaixonante problema. Sem imodestia, creio mesmo que a maior parte deles ainda não abordados mesmo pelos organismos coloniais que em Angola se dedicam a esses problemas. Espero poder dar-lhes forma e publicá-los quando melhores dias surgirem.

Mas não fiquei menos sensível ao esforço já realizado no campo militar pelos nossos destacamentos nesta III Região. A possibilidade de podermos entregar-nos a um trabalho de assistência médica e sanitária, de escolarização, de formação de quadros e de auto-abastecimento de muitas centenas de camaradas que aí desenvolvem o seu trabalho, e de muitas dezenas de milhar de indivíduos totalmente cortados do ciclo colonialista, dá-nos já a medida da nossa mobilidade em áreas quatro a cinco vezes superiores à superfície de Portugal.

Sejam quais forem as fanfarronadas dos fascistas portugueses, a verdade é que nós estamos em via de cimentar conquistas irreversíveis. O abandono a que durante tantos séculos votaram essas terras do Sudoeste, onde não existem estradas, escolas, nem plantações, nem comerciantes, atraídos pela ganancia do ganho fácil para outras regiões menos trabalhosas e de lucros mais imediatos, volta-se hoje contra todos os planos militares que os estados-maiores possam querer realizar. Não temos contudo ilusões sobre as dificuldades que aos nossos destacamentos político-militares, mas animados a tangibilidade sensível de êxitos e conquistas cada dia mais decisivos. Eles contrabalançam bem as barbaridades inconcebíveis, as mutilações incríveis, o genocídio mais inqualificável que a soldadesca salazarista pratica entre as populações indefesas. Mas essa não passa sem deixar para todo o sempre sequelas neuro-psíquicas da tensão que a visão de um bombardeamento com napalm e fósforo provocou naqueles que não puderam fugir a esse fatalismo a que a História nos condenou".

Americo Boavida não poderá, como esperava, ajudar a construir a Angola livre do futuro, não poderá sequer dar forma aos estudos que reali-

zou sobre os problemas que tanto o empolgavam. É mais um dos heróis da Revolução angolana que não assistirá ao desfecho vitorioso da luta pela independência pátria. No dia 25 de Setembro p.p., num bombardeamento criminoso, igual a muitos outros a que sobrevivera, foi morto, quando três helicópteros e três aviões atacaram um campo do M.P.L.A., no Moxico, metralhando indiscriminadamente durante duas horas todos os ocupantes e destruindo com os seus tapetes de bombas as instalações hospitalares dessa base.

Morreu como viveu: lutando pela liberdade de Angola. Teve o mesmo destino daqueles a quem dedicou o seu livro: "os que cairam sob as balas do colonialismo português".

O bombardeamento em que pereceu foi anunciado orgulhosamente como grande "vitória" nos comunicados do Estado-Maior colonialista. Era inevitável. Mas nem esse bombardeamento, nem muitos outros que se lhe sigam terão o poder de enfraquecer a vontade dos patriotas do M.P.L.A., sólidamente estabelecidos nas zonas libertadas do Leste angolano. E não poderão também evitar que os autênticos patriotas portugueses repudiem em nome da Nação portuguesa esses crimes hediondos.

Curvando-me ante a memória do revolucionário e do amigo, repito aqui as palavras



Americo Boavida

com que encerrei o prefácio que, a seu convite, escrevi para o livro "Angola, Cinco Séculos de Exploração Portuguesa":

"Como português orgulhoso dessa condição, a minha solidariedade não vai para os para-quedistas e aviadores de Salazar, assassinos de populações indefesas: ela se dirige, irrestricta e calorosa, aos heróis anónimos que, nas florestas e nas savanas de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique, se batem contra o aparelho militar de terror e genocídio do fascismo, revivendo os efeitos dos Kankan Moussa e dos Samory Touré. Quem aponta em África o caminho do progresso, quem encarna a eterna luta do homem em defesa da liberdade e da dignidade são os patriotas como Americo Boavida e não os derradeiros generais e proconsules do colonialismo moribundo".

Viajou para a Europa no passado dia 3 de janeiro o grande democrata português Professor Ruy Gomes, que desde 1962 vem lecionando no Instituto de Matemática do Recife. Antes de viajar o eminente líder da Oposição portuguesa concedeu uma entrevista ao maior periódico do Nordeste do Brasil, o "Jornal do Comércio".

Depois de recordar a ação do Movimento de Unidade Democrática, no período do apogeu da guerra, o Professor Ruy Gomes contou o que foi a sua candidatura à Presidência da República, em 1951, narrando os episódios considerados mais importantes da sua campanha. Referindo-se ao momento atual, declarou o Professor: "Na França existe o maior número de exilados portugueses que chegou a uma média de 300.000, além de muitos que existem no Brasil e em outros países, onde passam a exercer suas funções (...)

Sabemos que o governo Marcello Caetano somente poderá mudar com o esforço dos portugueses que estão em Portugal, principalmente os universitários, para a volta dos portugueses exilados. A iniciativa não partirá do substituto de Oliveira Salazar que pelos pronunciamentos e pela manutenção das bases da Alemanha Ocidental e norte-americanas plantadas em solo português, respectivamente no Alentejo e nos Açores, além da entrega de todo o minério português à Inglaterra e à Bélgica, demonstra seguir o mesmo caminho. Somente a força e o interesse de outros países sustentaram por tanto tempo a ditadura salazarista, situação que ainda permanecerá com a de Marcello Caetano. Mas os jovens, principalmente os trabalhadores e universitários de Portugal, lutam para a derrubada do regime".

## Centro Republicano Português

Por motivo da inauguração da sua nova sede, à Av. Prestes Maia 321, 1.º Conj. 104, o Centro Republicano Português de São Paulo promoveu uma semana de festejos comemorativos.

A inauguração das novas instalações realizou-se no dia 31 de Janeiro, sendo assinalada com uma palestra do presidente da entidade, comandante João Sarmento Pimentel, sobre a Revolução Republicana do Porto, cujo aniversário passava naquela data.

De 1 a 5 de Fevereiro realizaram-se vários torneios desportivos entre os sócios do Centro e a inauguração da nova biblioteca que recebeu dos associados numerosos livros.

No dia 6 o prof. Soares Amora, titular da cadeira de Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo pronunciou uma conferência sobre "Jaime Cortezão", e será depois apresentado o Regulamento do Premio que tem o nome do grande historiador português a ser concedido anualmente pelo Centro. No dia 7 o nosso companheiro Joaquim Barradas de Carvalho, prof. de História Iberica na Faculdade de Filosofia falará sobre o tema "Subsídios para a História da República em Portugal". Por último, no dia 8 realizar-se-á na sede o encerramento das comemorações durante um cocktail, às 15 horas.



# Nolas e comentários

## A «liberalização» que não veio

A evolução da conjuntura política portuguesa em dezembro e janeiro veio confirmar o que temos sustentado sobre o caetanismo e sobre os perigos engendrados pela tática sinuosa do sucessor de Salazar. A decepção, entre os setores da Oposição que alimentavam a ilusão de uma «liberalização» do regime é, já neste momento, notória. Caetano não cumpriu nenhuma das meias-promessas feitas no seu discurso de posse. A repressão intensifica-se em vez de ser atenuada; a política colonialista é solenemente reafirmada em desafio às Nações Unidas e à consciência universal; a escalada militar em África atinge o seu ponto mais alto; o Ministério do Interior e o Ministério da Educação colaboram fraternalmente, desencadeando uma vaga de terror contra os estudantes; o Governo adverte as classes trabalhadoras de que fará quanto estiver ao seu alcance para esmagar as suas legítimas reivindicações salariais.

Muitos democratas esperavam uma ampla amnistia pelo Natal e ela não veio. Nem um só preso político foi libertado. Muitos anti-fascistas bem intencionados tinham como certa a supressão da censura, mas o arrôcho à imprensa continua inalterável. Quanto às esperanças de melhores condições de vida, foi o próprio sr. Marcelo Caetano quem se encarregou de desiludir as camadas menos favorecidas da população. No seu programa de televisão «Conversa de Família» — título que exprime bem os intuídos demagógicos da iniciativa — o novo chefe da ditadura fascista tratou de repetir a respeito do assunto os lugares comuns e os disparates que os economistas mais reacionários de todo o mundo forjaram há mais de um século para justificar a exploração e a sub-remuneração das classes laboriosas.

As ilusões tendem, portanto, a diminuir, já que, dia a dia, os fatos desmentem as esperanças dos que acreditavam na «liberalização» caetanista. O salazarismo sem Salazar é hoje uma realidade e só não o vê quem não quer.

Seria, contudo, um erro subestimar a capacidade de mistificação do adversário. A decepção provocada por Caetano apresenta várias graduações. Completa nuns casos, é parcial noutros. Se é certo que a propaganda do velho regime, agora mascarado, esbarra na combatividade crescente dos operários e camponeses sem terra e na tomada de consciência dos soldados do Exército de África, é também verdade que alguns grupos e personalidades democráticas permanecem apegados à convicção de que podem auferir vantagens da abertura do diálogo com o sr. Marcelo Caetano. Há ainda elementos que acreditam até prova em contrário (como se não houvesse muitas) que não existem razões para se duvidar da sinceridade dos votos expressos pelo sr. Caetano. O herdeiro de Salazar estaria sendo torpedado pelas forças mais obscuran-

tistas do regime. Em abono do seu pretensório espírito liberalizante correm boatos sobre presumíveis desinteligências entre a sua pessoa e a PIDE e, por incrível que pareça, há opositoristas que acabam vendo no fato de Salazar continuar vivo atenuantes para a política de traição prosseguida pelo sucessor. Não falta também quem se rejubile, em exegeses que não honram os autores, pela ausência de citações no discurso de posse à União Nacional, à Legião e aos ultras do regime. A confusão reinante em certos meios democráticos é tão sensível que se chegou ao extremo de atribuir ao espírito de justiça do sr. Caetano o regresso do dr. Mario Soares da Ilha de São Tomé.

Não fazemos a esses elementos a injúria de os tomar por futuros colaboracionistas. Mas nem por isso as consequências da sua ação — assente numa boa fé que ultrapassam as raias do absurdo no cenário político se nos afiguram menos negativas. Já o dissemos e repetimo-lo: a LUTA é o único tipo de diálogo que o sr. Caetano e o regime entendem.

## Das aparências à realidade

O pasquim fascista «Agora», desprezado pelos próprios ultras do Exército, vem criticando cautelosamente a política do sr. Marcelo Caetano. Percebe-se que a escória humana dos seus redatores e colaboradores não encara sem apreensões o jôgo político do sucessor de Salazar. Teria certamente preferido que ele fôsse mais longe do que o mestre e se declarasse ideologicamente fiel ao fascismo, como aliás o fez na sua mocidade.

Essas críticas do órgão da ala mais radical da extrema-direita, aliás quase sempre sinuosas e metafóricas, carecem de qualquer significado político pela falta de representatividade de quem as profere. Entretanto, há personalidades da Oposição que se mostram preocupadas com o fato e, tirando dele conclusões errôneas, teimam em ver na atitude do «Agora» uma prova de que o sr. Marcelo Caetano se acha realmente tolhido nos seus movimentos e só não realiza uma política «liberal» porque os ultras o impedem.

Tal interpretação, obviamente, é falsa. O «Agora» é uma fôlha de couve sem expressão, desprovida de base política. Salazar utilizou sempre esse jornaleco como instrumento; e o sr. Marcelo Caetano trata de fazer o mesmo. Poderia perfeitamente suprimir o «Agora», suspendê-lo ou ordenar à Censura que cortasse quaisquer ataques ou insinuações à sua política. Mas não o faz. A animosidade, embora disfarçada, do «Agora» representa uma grande serviço prestado ao seu Governo, uma vez que impressiona os setores liberais da Oposição. O rótulo de liberalizante com que o marcam os irresponsáveis da extrema-direita é para a sua pessoa um régio presente, quase um laissez passer para o diálogo com os elementos conciliadores do campo democrático.

Infelizmente para o sr. Caetano, esse liberalismo de que o acusam os antigos companheiros nazis é diàriamente desmentido pelos fatos. Para o povo, o que importa não é o palavreado do «Agora» mas a linguagem concreta a que recorre, por exemplo, o ministro do Interior quando proclama a sua determinação de «esmagar as esquerdas». Para o sr. Rapazote qualquer intelectual esclarecido é uma encarnação terrena de Satanás e, como tal, merecedor das fogueiras de uma nova Inquisição. O homunculo não suporta sequer a terminologia científica hoje aceita em todos os países civilizados. Palavras como praxis, burguesia, capitalismo, imperialismo são o suficiente para despertar a sua cólera quando as lê em qualquer artigo devidamente visado pela Censura. E é um indivíduo dêsse — um autêntico ultra — que o liberal sr. Caetano coloca na cúpula do aparelho repressivo do Estado, da mesma forma como colocou à frente da pasta da Educação um fascista fanático, o sr. Hermano Saraiva.

As reservas com que o «Agora» encara o sr. Caetano não podem impressionar os democratas conscientes. Esses nunca se deixaram iludir. Sabem quem é e o que vale o ex-comissário da Mocidade Portuguesa, ex-ministro das Colônias e ex-ministro da Presidência. O verdadeiro sr. Caetano é o fascista que mantém as prisões cheias de presos políticos, o amigo dileto dos Rapazote e dos Hermano Saraiva. O liberal sr. Caetano é, afinal, a mesmíssima pessoa que, embora dizendo não gostar da PIDE, permite que a Gestapo portuguesa conserve presos democratas que já cumpriram as suas penas, que homens como Luandino Vieira sejam tratados como animais no Campo de Concentração do Tarrafal, que centenas de patriotas guineenses morram lentamente no Campo da Ilha das Galinhas, que os presos de Peniche e de Caxias sejam torturados por criminosos da estirpe dos Falcão e dos V. Ramos. Nem sequer se pode alegar que o sr. Caetano tem a intenção de atenuar essa política de terror. Também aí os fatos estão contra ele. Havia prometido libertar Lygia Calapez antes do Natal e não o fez. E continua não dando ouvidos aos relatórios de médicos eminentes sobre o estado de saúde de certos presos que se acham entre a vida e a morte. É o caso de Afonso Gregório, hoje um moribundo cuja prisão constitui um crime contra a humanidade. E é também o caso de Ruy d'Espiney, a quem a PIDE quebrou a coluna vertebral depois de o reduzir a um farrapo, após tratamento especial numa câmara de desidratação.

O fascista que aprova tudo isso é o «liberal» sr. Caetano da «Conversa de Família» da Rádio e da Televisão, a mesma criatura em cuja «sinceridade» certos democratas acreditam ainda.

## Soldados Contra a Guerra

A impopularidade da guerra colonial é hoje um fato tão evidente que o governo fascista se vê forçado a adotar novas táticas na sua propaganda mistificadora. O linguajar dos primeiros tempos mudou. A imprensa e a rádio não podem mais usar os «slogans»

patrioteiros e as mentiras estúpidas do ano de 61. Na mais remota aldeia de Tras-Os-Montes ou da Beira Alta, por maior que seja a ignorância sobre o problema colonial, sabe-se hoje o suficiente para que o Governo seja obrigado a desistir das campanhas épicas sobre a cruzada contra os selvagens em nome da Pátria e da Civilização. Os soldados que voltam dos horrores africanos viram e ouvem muita coisa e os relatos dessas testemunhas correm o País, sendo muito mais dignos de fé do que os comunicados do Governo e os artigos dos enviados especiais corruptos do «Diário Popular» ou do «Diário de Notícias». Sabe-se, por exemplo, que os «bandoleiros» da Guiné são patriotas de uma coragem admirável, que Amílcar Cabral cumpre escrupulosamente as disposições da Convenção de Genebra, enquanto os prisioneiros guineenses são sumariamente fuzilados, e também que três quartos da colônia se acham nas mãos do P.A.I.G. Não se ignora que o M.P.L.A. domina presentemente uma área imensa na frente Leste de Angola, que os seus dirigentes são intelectuais de grande valor e que estão preparados para lutar indefinidamente contra o exército português. E não há igualmente ilusões sobre a «pacificação» em Moçambique. Os soldados que estiveram na frente de Tete contam que tudo o que se diz sobre o estabelecimento de centenas de milhares de portugueses naquela região é um sonho irrealizável, pois a resposta da FRELIMO ao projeto de Cabora-Bassa foi uma ofensiva suficientemente forte para tornar a província uma zona de total insegurança.

Por outro lado, os feridos que enchem os hospitais militares narram histórias medonhas da frente de combate, do ambiente que se respira nos campos entrenchados e nos postos situados longe dos grandes centros urbanos e da progressiva deterioração da disciplina com reflexos particularmente graves nas relações entre soldados e oficiais. Há ainda uma verdade que principia a impressionar o País: na guerra morre-se. Apesar de falsificar todas as estatísticas, o Governo, ante uma escalada bélica que não pode ser negada — e também porque o povo escuta com atenção crescente as Rádios Portugal Livre e Voz da Liberdade — ve-se na contingência de anunciar baixas cada vez mais importantes. Assim, de acordo com os boletins oficiais 263 membros das Forças Armadas pereceram em combate entre 30 de junho e 1 de novembro de 68 (89 na Guiné, 99 em Angola e 75 em Moçambique). Qualquer mãe e qualquer pai, quando o filho embarca para as colônias como soldado tem assim a exata noção de que esse filho pode cair morto, algures nos sertões africanos. Um emigrante português do Rio de Janeiro que tem um sobrinho na Guiné, recebeu recentemente dele uma carta que tinha ao alto as seguintes palavras: «Da terra da morte e da fome, do país da injustiça e do crime». É uma voz que exprime a revolta de milhões!

Num país como o nosso, onde apenas o fascismo pode utilizar os meios de comunicação com a massa, é evidente que o nível de informação do povo sobre a guerra colonial é ainda muito baixo e que persistem grandes lacunas

no conhecimento das realidades africanas. Os próprios soldados raramente, mesmo quando revoltados contra a engrenagem, se mostram capazes de aprender como ela funciona. Os mecanismos da dominação imperialista são demasiado complexos para o camponês do Norte de Portugal, quando lhe vestem uma farda e o embarcam para Angola, para Moçambique ou para a Guiné. Mas se à maioria escapa o jogo subterrâneo dos grandes monopólios, o fato é que quase todos se dão hoje conta de que lutam por interesses incompatíveis com a Nação portuguesa.

É significativo que, no último Natal, apesar de todos os esforços desenvolvidos pelos serviços psicológicos do Exército, poucos oficiais e raríssimos soldados, ao falarem pela Emissora Nacional às respectivas famílias, se prontificaram a dizer qualquer palavra que pudesse ser interpretada como expressão de adesão pessoal à guerra colonial. O que se pressentia nas palavras de afecto e carinho de quase todos era um repúdio total à violência e um grande desejo de se verem livres do monstruoso genocídio africano. Num desses programas houve mesmo um mutilado que, falando do seu leito de dor, fez a apologia da Paz e, numa comovedora evocação de Natais anteriores, passados na aldeia junto da família, manifestou o seu veemente desejo de fraternidade entre os homens. Esse estado de espírito, felizmente, ganha terreno em Portugal e choca-se frontalmente com a política colonialista do sr. Marcelo Caetano.

## «O Triste Pio» de Tomás

O sr. Américo de Deus Tomás botou fala no dia 1 de janeiro de 69. A mensagem de Ano Novo que dirigiu ao povo português é precisamente o tipo de documento que se poderia esperar da sua pessoa: um imenso amontoado de distlates e lugares comuns, recheado de invocações a Deus e de pavores tremendos sobre o destino da Humanidade.

Para o ex-presidente do Clube de Futebol «Os Belenenses», o ano que findou não deixou saudades. Como os anteriores, aliás. O sr. Tomás tem do mundo a visão de um alquimista medieval. Tudo são dramas e tragédias a seus olhos. No plano internacional, mostra-se especialmente atemorizado com a irremediável decadência daquilo a que chama a Civilização Ocidental. «Tem-se assistido — disse — à progressiva dissolução da sociedade, ao abandono e consequências e perigosas perturbações e corrupção da juventude, ao fomentar da subversão em todos os campos e de todas as maneiras. Até as colunas mestras da Igreja de Cristo estão sendo perigosamente abaladas»...

Nesse universo de trevas em que se move o sr. Tomás todas as desgraças resultam de o Ocidente se ter «deixado embalar pelos canticos de perigosas sereias». É dessa forma metafórica que o abúlico almirante inicia a sua lamentação pelas derrotas experimentadas pelo colonialismo na Ásia e na África. A sua única e fraca consolação é expressa numa outra passagem em que afirma textualmente: «O decastramento só não é total porque Portugal se tem oposto, cons-

(Continua na pág. 7)



# ESTUDANTES CONTINUAM DESAFIANDO O GOVÊRNO VOCÊ SABIA?

LISBOA (Do correspondente) — Exactamente como se previa, as férias do Notal não diminuíram a combatividade do movimento estudantil. Os universitários da capital aproveitaram, pelo contrário, essas semanas para se articularem melhor e definirem com maior clareza as suas legítimas reivindicações, apresentando ao adversário uma frente coesa cimentada na unidade actuante das Associações de todas as Faculdades. O Instituto Superior Técnico continuou, entretanto, a ser o fulcro daquilo que o Governo fascista do sr. Marcelo Caetano encara como a primeira crise grave enfrentada no plano interno. Reunidos no dia 7 de janeiro, os alunos daquele estabelecimento de ensino decidiram por aclamação deflagrar novas greves — e obter para elas a solidariedade das demais Faculdades — se o Governo se mantiver firme no seu propósito de proibir as reuniões estudantis. A assembleia resolveu também exigir a readmissão dos líderes da Associação do IST destituídos após o inquérito governamental ordenado pelo ministro fascista Hermano Saraiva. Foi igualmente pedida a suspensão desse inquérito policialístico ainda em curso e proclamada a determinação de defender intransigentemente o direito da participação estudantil em todas as organizações da Universidade. Vários oradores rebelaram-se, com o apoio geral, contra a prática fascista de negar aos estudantes a liberdade de reunião sem autorização prévia. Uma das decisões mais aplaudidas pelas centenas de jovens presentes foi a de levar ao conhecimento do público os problemas e reivindicações estudantis, passando por cima das leis fascistas e da censura.

interesse geral e o próprio progresso de todo o povo português — escrevem no documento entregue ao Ministro — justificam suficientemente a utilidade do trabalho associativo, e exigem-no mesmo, com o que ele encerra de espírito criador e consciente". A luta dos estudantes do Instituto Industrial do Porto, realizada no ano letivo passado, é historizada pelos estudantes, que terminam reclamando uma entrevista com o Ministro "a realizar em momento oportuno e em que a confrontação de opiniões e o encontrar de soluções se faça de uma forma ampla". O documento é assinado pela Associação dos Estudantes da Escola Superior de Belas Artes

(em formação), pelas Comissões Organizadoras das Associações de Estudantes das Faculdades de Ciências, de Economia e de Engenharia, pela Comissão Instaladora da Associação dos Estudantes das Faculdades de Letras e de Medicina e pela Comissão Pro-Associação dos Estudantes do Ensino Liceal do Porto. A diligência dos estudantes portugueses veio colocar o Ministro demagogo ao pé do muro. Ou aceita o diálogo, que deverá terminar pela aceitação das justas reivindicações dos estudantes, ou o recusa, lançando a massa estudantil do norte do país em luta aberta contra a estrutura obsoleta do ensino português.

- Segundo informação de fonte oficial, encontram-se depositados em bancos norte-americanos, às ordens de portugueses residentes em Portugal, dez milhões de contos. E quanto em bancos suíços, onde tradicionalmente são "armazenadas" as maiores fortunas? Esta pergunta foi feita o mês passado na "Assembleia nacional" pelo "deputado" Cutileiro Ferreira, mas até ao momento não consta ter havido resposta.
- Em Portugal quarenta e cinco por cento dos partos — quase metade! — dão-se sem qualquer espécie de assistência médica, de parteira ou de enfermeira. Mas há regiões do país em que essa percentagem é mais elevada. Por exemplo, em Vila Real os partos nessas condições atingem 83% do total; na Guarda, em Viana do Castelo e em Viseu, mais de 70%; em Braga e na cidade da Horta, mais de 60%.
- O governo de Marcelo Caetano incluiu no orçamento para 1969

- uma verba extraordinária equivalente a 35 milhões de dólares para "reequipar o exército e a força aérea". Esta soma é por acréscimo aos 140 milhões de dólares que já constituem despesa normal com as guerras coloniais.
- O governo português mantém em serviço militar permanente na Guiné, em Angola e em Moçambique para cima de 100 mil homens, o que equivale, guardadas as proporções, a 2 milhões de americanos no Vietnam. Com essas forças e um gasto superior a 40% do orçamento do Estado, perdeu quase por completo o controle do território da Guiné — onde a custo mantém a posse de algumas cidades — e não consegue impedir o alastramento contínuo dos movimentos guerrilheiros em Angola e Moçambique.
- A economia portuguesa e a balança de pagamentos perdem anualmente cerca de 120 mil contos com a importação de peças que as indústrias automobilísticas continuam a comprar no exterior, preferindo manter-se no país apenas como indústrias de montagem.
- Angola, nos dez primeiros meses de 1968 registrou um déficit de 647 mil contos na balança comercial, o que representa uma inversão da tendência manifestada em anos anteriores. O Banco de Angola arrecadou no mesmo período 35 mil contos de imposto extraordinário para a "defesa da Província".
- O governador de Cabo Verde e a Shell assinaram um acordo que concede a esta empresa o fornecimento de combustíveis à navegação no molhe de S. Vicente. A tendência para o aumento do porte dos navios torna Cabo Verde um ponto de abastecimento obrigatório para as longas rotas, fato que permite esperar bons negócios para a Shell.

## COLONIALISMO E ANTICOLONIALISMO

### MOÇAMBIQUE

Cinco soldados portugueses que se encontram prisioneiros da FRELIMO fizeram declarações sobre a sua experiência nas fileiras do exército colonialista que confirmam o caráter imoral e abjeto das guerras coloniais, desde há longo tempo e inumeráveis vezes denunciado ao mundo pelas pessoas de consciência, pelas organizações democráticas e pelos órgãos de divulgação das mais diversas tendências políticas. No entanto, essas declarações são mais do que novos testemunhos a acrescentar a outros também baseados em experiência pessoal e no contacto direto com a crua realidade. Elas revelam que existe um certo grau de consciência, comum a muitos elementos do exército, acerca dos problemas mais importantes do povo português, da falta de motivo da guerra em que foram envolvidos e do seu verdadeiro sentido.

pelo fato de ter desertado. Pelo contrário, ele e todo o povo português é que foram e estão sendo traídos e explorados pelos que estão interessados na guerra. "Eu estava há dois dias em Mueda — declarou ele — quando a companhia de comando regressou dum missão. Vi que um dos soldados tinha as mãos cobertas de sangue. Perguntei-lhe donde vinha e ele respondeu que tinham atacado uma aldeia e morto toda a população a golpes de faca — velhos, mulheres e crianças". Desertei porque era tratado como um escravo. Haverá quem diga que trai o meu país, mas eu não o trai: sou eu e todo o povo português que estamos sendo traídos: porque toda a gente pobre em Portugal é maltratada".

bude. Ficou furioso e foi para Nambude resolvido a proceder disciplinarmente contra o comandante da companhia por não ter cumprido a sua missão. Porém, este explicou que as tropas tinham ameaçado atirar nele porque não podiam continuar mais tempo sem comer. Assim, recebemos ordem de formatura para ouvir o comandante de batalhão. Este disse que em Angola quatro companhias independentes andaram oito dias apenas com três refeições, para entrar numa base inimiga, mas conseguiram. E vocês? — disse ele. Ninguém respondeu. Tivemos a certeza de que ele mentia. É humanamente impossível caminhar durante oito dias debaixo de fogo e sem comer."

Manuel de Jesus Santos, de 22 anos, carpinteiro, enviado a Moçambique com o posto de cabo e que desertou do posto de Mueda, afirmou que os soldados são tratados como cães pelos oficiais e que estes mentem sistematicamente à tropa, por lhe faltarem verdadeiras razões para a incitarem a combater.

Outro prisioneiro, João Borges Gomes, de 22 anos, foi capturado durante um ataque da FRELIMO ao posto de Chai; afirmou que não foi para Moçambique defender a sua pátria: "não temos nada a defender aqui. Eu vim como todos os soldados portugueses: à força. Não lutamos por nada. Não sabemos porque estamos combatendo, apenas cumprimos ordens que nos são dadas".

Fernando Rosa termina da seguinte maneira as suas declarações, referindo-se a os seus companheiros do exército: "Eles não podem combater com coragem. Que estamos nós defendendo aqui? Lutamos porque somos forçados a isso. Onde eu estava, por exemplo, tudo o que nós desejávamos era nunca encontrar o inimigo. A nossa maior aspiração era regressar a Portugal, ir para junto das nossas famílias. Eles dizem-nos que todos os portugueses que não são inválidos devem lutar para defender o seu país. Mas em Portugal não há guerra e nós pensamos: se o nosso país está ameaçado, porque nos mandam embora de lá?"

Américo Neves de Souza, sapateiro de 28 anos, que desertou também da zona de Mueda, não se considera traidor

Fernando dos Santos Rosa, de 24 anos, foi feito prisioneiro em Nambude, quando a sua base foi bombardeada e depois invadida por um destacamento da FRELIMO. Eis uma passagem bastante significativa de longo relato feito sobre uma missão a que foi enviada a sua companhia, durante a qual esteve iminente, por diversas vezes, a rebelião contra os comandos devido às atitudes despóticas dos oficiais, à falta de alimentos durante vários dias consecutivos: "Os comandantes de pelotão estavam confusos e não sabiam o que fazer. Ameaçámos rebelar-nos se não fôssemos enviados de volta à base. Nesta altura caía uma chuva pesada. O comandante não tinha alternativa se não enviar-nos de volta a Nambude. No dia seguinte o comandante de batalhão voou de Mocimboa da Praia para nos procurar na zona do local onde se supunha encontrar-se a base da FRELIMO que íamos atacar. Não nos viu porque estávamos precisamente a caminho de Nam-

### Comunicado do "Conselho Superior" da L. U. A. R.

Portugal Democrático tem por norma, desde a sua fundação, não se imiscuir em assuntos que possam, de qualquer forma, contribuir para lançar discórdia nas hostes oposicionistas. A unidade, a todo o custo, tem sido sempre o nosso lema, e abtemo-nos, por princípio, de dar publicidade a tomadas de posição, artigos e opiniões que possam ferir-la. Quebramos, entretanto, essa norma em nossa última edição para transcrever algumas passagens de um documento da Liga de União e Ação Revolucionária (L.U.A.R.) porque no referido texto era abordado um problema que envolve o bom nome da Oposição anti-fascista; o destino do dinheiro retirado do Banco de Portugal, na Figueira da Foz em maio de 1967. Posteriormente, recebemos um comunicado do "Conselho Superior" daquele organismo oposicionista, de sentido totalmente contrário ao anterior.

Desejando evitar polémica nas nossas colunas, consideramos, com esta publicação, definitivamente encerrado o assunto. Eis, na íntegra, o comunicado a que acima nos referimos:

"O Conselho Superior da L. U. A. R., tendo analisado as actividades e o comportamento de Camilo Tavares Mortágua, António Barracosa e Luís Benvindo e considerando que estes indivíduos:

1 — se recusaram a entregar à L. U. A. R. a maior parte dos fundos recuperados na "Operação Mondego", escondendo, desviando e dilapidando mais de vinte e cinco mil contos;

### No Porto

PORTO (Do Correspondente) — Aproveitando a visita do Ministro da Educação Nacional os estudantes universitários da cidade do Porto em nome das Comissões Instaladoras e das Comissões Organizadoras das Associações de Estudantes, entregaram ao Ministro uma exposição na qual, depois de recordarem que desde 1963 "enviaram ao Ministério os seus estatutos para homologação", tendo obtido por resposta apenas "um inexplicável silêncio" passam a apresentar as suas reivindicações atuais. "A Universidade, o

### O Fim de um Ditador

Publicamos abaixo, sem comentários, o texto de um telegrama sobre o estado de Salazar, distribuído no Brasil pela Agência France Presse:

LISBOA (FP) — António de Oliveira Salazar se encontra em estado de quase abandono, sendo visitado apenas pelo chefe de Estado, Marcelo Caetano, e pelo patriarca de Lisboa, dom Cerejeira. Mesmo assim, as duas personalidades só aparecem de vez em quando, segundo declarações da administração do Hospital da Cruz Vermelha, onde Salazar continua internado no quarto 606. Desde o Natal,

a equipe de treze médicos que o atendia diariamente se dissolveu. Atualmente, o ex-estadista só é tratado pelo professor Eduardo Coelho. Os boletins médicos sobre sua saúde deixaram de ser publicados.

Hoje fazem exatamente 119 dias que Salazar se encontra nesse hospital. Os jornais de Portugal, preocupados com outros assuntos, deixaram de publicar notícias a seu respeito. Salazar se encontra atualmente com seu lado esquerdo inteiramente paralisado e com sua capacidade mental reduzida de 90 por cento.

### GUINÉ

#### NOVAS VITÓRIAS DO P. A. I. G. C.

Na Guiné, o ano de 68 findou com uma série de derrotas para o colonialismo que abalaram ainda mais o já combalido moral das tropas de ocupação, hoje concentradas na Ilha de Bissau e em várias guarnições do Interior, todas elas cercadas. Na primeira quinzena de Dezembro foram atacados os campos entinchados de Cuntima, Biambi, Cameconde, Catio, Ganjola, Caciné, Buba, Medjo, Bedanda, Guiledje e Ganturé. Em certos casos, como em Biambi, 75% das instalações militares foram destruídas durante esses ataques.

Num balanço relativo à es- (Continua na pág. 7)

(Continua na pág. 7)



# O Fascismo Português na Imprensa Mundial

## Católicos acusados de traição

LISBOA, 18 — Importantes vozes de direita fizeram-se ouvir na imprensa e na Assembléa Nacional para acusar de traição um grupo de católicos que se opõem à guerra na África, e exigir sua punição. O grupo católico, no primeiro dia do novo ano, fizera uma demonstração de protesto contra as "guerras coloniais" de Portugal.

O governo do primeiro-ministro Marcelo Caetano também manifestou descontentamento ante o protesto católico. A polícia política interrogou três líderes católicos progressistas a respeito da demonstração e deportou um padre espanhol, acusado de participação. Contudo, não houve prisões.

A controvérsia começou quando um grupo de 150 leigos e padres católicos organizaram uma Vigília em Nome da Paz, nas primeiras horas do ano que se iniciava, no recinto da ampla Igreja de São Domingos, em Lisboa. O serviço incluiu orações, hinos e a citação de trechos das Escrituras contra a guerra em geral, assim como uma discussão específica sobre as causas e consequências das guerras coloniais portuguesas.

### DESPERTOU ATENÇÃO

A Vigília despertou grande atenção, pois o governo proibira todos os debates sobre sua política colonial, estigmatizando todos os que criticavam as guerras na África Portuguesa, de traidores.

Apesar da Vigília da Paz haver provocado reações furiosas em setores influentes, os progressistas se mantiveram firmes em sua posição e expediram um comunicado proclamando a necessidade de um debate objetivo sobre as guerras de Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa.

O ataque mais violento ao grupo católico foi desfechado quinta-feira na Assembléa Nacional por Francisco Casal-Ribeiro, um deputado de Lisboa, o qual advertiu que a nação estaria em perigo caso os pacifistas não fossem punidos.

Casal-Ribeiro declarou que o manifesto dos católicos em prol da paz era um ato de "perfidia, corrupção e distorção da verdade", e disse que a nação não deve deixar-se contagiar por essas idéias.

### INVESTIGAÇÃO

A polícia política, alertada contra o possível alastramento das idéias contrárias à guerra, empreendeu uma investigação, para determinar quem organizara a Vigília da Paz. Foram interrogados três líderes da organização cultural católica Pragma, interdita no ano passado por prática de atividades subversivas.

Na semana passada, foi expulso do país o rev. Manuel Mandianas Castro, padre espanhol que estava estudando o idioma português, e que deveria embarcar dentro de poucos dias em missão para Moçambique. Acredita-se a polícia que o religioso espanhol tenha sido um dos doze padres que tomaram parte na Vigília.

A televisão estatal e a imprensa conservadora de Lisboa juntaram-se à cruzada empreendida contra o grupo católico. O "Diário da Manhã", órgão da União Nacional, publicou um editorial na semana

passada sob o seguinte título: "Afirmamos que isto é traição". O editorial advertia das consequências do alastramento epidêmico das demonstrações católicas, que já haviam se manifestado na Holanda, Alemanha, França, Espanha e Itália.

### TRAIÇÃO

O "Diário da Manhã" descreveu a Vigília da Paz como um "ato de traição" e concluiu: "É indispensável que as autoridades se mantenham alerta contra esses movimentos subversivos, pois eles representam muito mais que a desordem. Insistimos em que estão mancomunados com os bandidos que atacam as nossas fronteiras e isso é traição".

O jornal católico "A Voz", que publicou diversos artigos sobre o mesmo tema, acrescentou que essa demonstração visava "destruir o prestígio e a autoridade da hierarquia".

"A Voz" advertia que, se os católicos de Portugal adotassem a tática de "ocupação" das Igrejas, empregada em outros países, as autoridades civis seriam obrigadas a intervir.

Os organizadores da Vigília da Paz responderam a esses ataques declarando que as demonstrações constituem "um grande serviço prestado à causa da Igreja e da verdadeira paz, por despertarem um senso de responsabilidade e esclarecimento".

(In New York Times)

## Em Moçambique com a FRELIMO

Sessenta mil soldados portugueses tentam em vão defender Moçambique — a colônia no sudoeste da África — do nascente nacionalismo africano. As forças coloniais estão sendo batidas por um exército de 8.000 guerrilheiros bem treinados e bem armados, onde se incluem algumas centenas de mulheres. Moçambique está a caminho de tornar-se uma nova Argélia.

Durante esta guerra amarga, que se arrasta há mais de três anos, tem sido praticamente impossível descobrir a verdade através dos boletins noticiosos das duas partes inimigas.

Os dois lados garantem que suas forças mataram para cima de 5.000 inimigos, enquanto que suas perdas são muito baixas.

Frelimo — Frente de Libertação de Moçambique — afirma que com exceção de um escasso número de cidades na área e algumas dúzias de unidades portuguesas, a Frente de Libertação tem controle sobre as províncias do Norte de Cabo Delgado e Niassa (um quinto de Moçambique com 800.000 habitantes), enquanto Portugal garante que os "terroristas" foram esmagados e os "atos de violência" esporádicos, que ainda ocorrem, são cometidos por "infiltrações do exterior", que a coberto da escuridão atravessam o rio Ruvuma da Tanzânia e lá retornam na mesma noite.

O dr. Salazar parece persistir em crer no truque da propaganda nazi: se uma mentira for repetida com bastante frequência, finalmente soará como verdade. Durante a semana passada com a FRELIMO (fui o primeiro jornalista a contactá-los) notei a presença de Portugal apenas nas armas capturadas pela Frente de Libertação, um avião de reconhecimento e algumas aldeias que foram totalmente destruídas pela artilharia portuguesa logo depois que a revolução começou a 25

de setembro de 1964, como vingança contra os habitantes que auxiliaram as guerrilhas. Obviamente o tempo que dispendi ali foi demasiado curto para me permitir o estudo das condições no conjunto da província, mas assim mesmo reuni as provas suficientes para dizer que a Frelimo iniciou uma guerra de independência com êxito contra o poder colonial português.

As guerrilhas detêm já grandes áreas na parte norte de Moçambique; a sua ação é efetiva apesar de uma organização bastante fraca (postos e uniformes não existem); é apoiada pelos civis e além disso a Frelimo luta em "casa" num terreno muito adequado à guerrilha. Acompanhei o dr. Eduardo Mondlane, presidente da Frelimo, na sua primeira visita às áreas libertadas e a recepção que ele e sua comitiva obtiveram dos habitantes que vieram aos milhares, provou que a organização desempenha um dos principais requisitos de um movimento de guerrilha efetivo: uma cooperação fiel entre o libertador e o libertado.

Se a administração colonial portuguesa está certa quando alega que as guerrilhas estão aterrorizando a população civil, então é realmente espantoso que essa população nos tenha saudado com tanta alegria, quando juntos com centenas de guerrilheiros atravessamos as aldeias.

"As nossas boas relações com a população civil é o resultado de um trabalho gigantesco" diz o antigo comandante Samora Machel, de trinta e cinco anos

O camarada Samora, apelido entre os companheiros e os íntimos, é um comandante em chefe severo mas respeitado, com a barba típica do guerrilheiro. Traz o quartel general no "bolso" e juntamente com seu staff, está sempre percorrendo as diversas zonas operacionais.

"Antes de podermos começar a lutar, tivemos de levantar as pessoas da apatia, do recelo da tirania portuguesa; tivemos de explicar-lhes como e porquê devemos lutar juntos pela nossa liberdade".

Quando a Frelimo se formou na capital da Tanzânia, Dar es Salaam, em fins de Setembro de 1962, declarou como seu objectivo "organizar, mobilizar e unir todo o povo de Moçambique" de modo a obter "a liquidação completa do domínio colonial português" "e uma independência imediata e completa de Moçambique".

Foram precisos dois anos de preparação intensa antes da Frelimo partir para o seu primeiro ataque contra as forças de Portugal.

Em 1963, 250 homens foram mandados, para fora a fim de receberem treinamento político e militar, a maioria para a Argélia, alguns para a Rússia e uns poucos para a China. Em Maio de 1964, cerca de metade recebeu ordem de voltar a Moçambique para ensinar as pessoas sobre a necessidade de se unirem e lutarem contra os portugueses. Quando os agitadores políticos da Frelimo tinham já trabalhado subterraneamente na colônia durante 4 meses foram reforçados em Agosto de 1964, pelas primeiras unidades de guerrilheiros armados. Esses pioneiros receberam ordem de iniciar a luta aberta contra as forças portuguesas a 25 de setembro.

As tropas coloniais efetuaram a repressão contra a população civil — que fugiu aos milhares para a Tanzânia, Malawi e Zâmbia — e as tropas conseguiram também capturar a maioria das unidades de guerrilha no sul de Moçambique.

Hoje, o camarada Samora é o comandante de um exército de 8.000 guerrilheiros. A Frelimo está organizando também uma milícia popular e a meta final é entregar armas a todos os habitantes, permitindo-lhes assim a defesa pessoal contra os portugueses.

Vi uma parte de equipamento de guerrilha da Rússia, Checoslováquia e China e também armas dos Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Bélgica, Itália e outras nações da NATO.

Os primeiros foram entregues gratuitamente pelos países originários, outros países socialistas e nações africanas independentes, isto é, Argélia e a RAU. As armas da NATO são doadas pelo inimigo, por portugueses mortos ou em fuga.

"Usamos as armas da NATO até terminarmos o seu estoque e depois guardamo-las até obtermos mais munição."

A luta é mais intensa durante o período da seca de Abril a Outubro. Nesses meses os portugueses deixam as suas unidades com mais frequência do que no período de chuvas, de Novembro a Março e com apoio da aviação patrulham o espaço entre suas diversas bases.

A guerrilha vai mudando gradualmente conforme as armas da Frelimo se tornam mais adequadas à luta. Quando a revolução começou tinham apenas rifles, metralhadoras ligeiras e pistolas automáticas — hoje atacam já o inimigo com bazucas, metralhadoras, morteiros e artilharia ligeira anti-aérea.

"Derrubamos mais de 20", dizem as guerrilhas e mostravam-me capacetes de piloto, paraquedas e

uma metralhadora original de Milão que estava montada num avião. Hoje, as forças coloniais não estão seguras mesmo nas suas unidades fortificadas. As guerrilhas atacaram com sucesso diversas bases portuguesas e capturaram até algumas delas.

Mas, a Frelimo não tentou conservar essas guarnições, pois eram fáceis de bombardear e estão satisfeitos com apreender armas, munição, artigos médicos e outros equipamentos.

Ao mesmo tempo, como as guerrilhas aumentaram o seu equipamento e métodos de operação, aumentaram igualmente a sua força. Dos seus 8.000 soldados armados, 2.000 foram treinados no exterior, a maioria na Tanzânia.

No entanto, hoje, só oficiais são enviados para treinamento especial fora de Moçambique e anualmente pelo menos 2.000 soldados são treinados durante cursos de três meses em quatro campos de treinamento de guerrilhas nas áreas libertadas. "Mas a libertação de Moçambique iria muito mais depressa se tivéssemos mais armas" acrescenta o Camarada Samora. "Temos os soldados mas não um número de armas suficiente". Temos agora 10.000 guerrilheiros treinados mas não armados.

A Frelimo não alimenta ilusões acerca de uma vitória fácil e rápida sobre os portugueses. Continuamente os comissários políticos em todas as unidades sublinham que a luta armada será difícil e longa e irá durar provavelmente 20 ou 30 anos.

Mas os portugueses prestaram aos agitadores políticos da Frelimo um auxílio muito efetivo: ouvi contar crueldades bestiais, cometidas por soldados portugueses; jovens africanas que foram violentadas e depois mortas a tiro no abdomen; orelhas e mãos cortadas; olhos queimados com cigarros; prisioneiros que foram enterrados vivos, com a cabeça de fora.

Cabo Delgado está dividido em três zonas pela Frelimo; no norte a zona totalmente libertada; depois, a assim chamada zona de consolidação e no sul a zona operacional. "Nas duas primeiras zonas, os portugueses matam todos os civis que encontram; atiram contra todos os que não conseguem fugir para uma aldeia e queimam-nos" diz o Camarada Samora. "Consideram esta gente "irrecuperável", auxiliares da Frelimo, para além de qualquer tentativa de conversão".

Quase 800.000 homens livres e também mulheres no norte de Moçambique estão criando a sua nação própria nas montanhas e nas selvas.

As bombas portuguesas de napalm e os raids aéreos lembram-lhes de vez em quando a existência do regime de Salazar. Mas qual será o aspecto no futuro de um Moçambique totalmente libertado?

"As pessoas que estão lutando agora pela sua independência devem decidir isso por elas mesmas" diz o dr. Mondlane. "Provavelmente construiremos uma sociedade socialista, mas não será um estado soviético ou chinês. A Tanzânia é o nosso exemplo e fonte de inspiração.

"Não podemos fingir vitórias dramáticas. Isto é uma guerra de guerrilha, não uma guerra regular. Evitamos qualquer confronto direto com o inimigo. Lentamente, pouco a pouco, forcemos o regime de Salazar a sair de nossa terra, matando gradualmente os soldados portugueses".

Anders Johansson in Sunday News, Londres.



Guerrilheiros da FRELIMO, numa área libertada de Moçambique, participam de um comício de armas na mão.

uiva-  
s pa-  
fôrça  
acres-  
çãres  
ormai

ntem  
te na  
çam-  
l ho-  
dadas  
es de  
Com  
perior  
stado,  
con-  
é —  
se de  
onse-  
con-  
filhei-  
ue.

e a  
rdem  
l con-  
peças  
ísticas  
terior,  
s ape-  
agem.  
is me-  
déficit  
ca co-  
na in-  
estada  
ico de  
io pe-  
nôsto  
sa da

Verde  
acôrdo  
o for-  
à na-  
cente.  
ito do  
o Ver-  
mente  
rotas,  
ns ne-

m por  
ão, não  
ue pos-  
contri-  
ia nas  
nidade.  
sempre  
os, por  
le a to-  
e opi-  
quebra-  
ma em  
trans-  
de um  
nião e  
(U.A.R.)  
a abor-  
volve o  
nti-fas-  
ro reti-  
gal, na  
de 1967.  
um co-  
uperior"  
cionista,  
rário ao

ica nas  
os, com  
vamente  
na inte-  
e acima

da L.  
as acti-  
o de Ca-  
António  
o e con-  
duos:

ntregar à  
dos fun-  
Operação  
lesviando  
ite e cin-

pág. 7)



# Pela amnistia e contra a repressão

## Uma reivindicação Nacional

Nos dias que antecederam o Natal e Ano Novo, centenas de cartas, telegramas e representações coletivas chegaram à presidência da República, presidência do Conselho e ao Ministério do Interior. Os democratas portugueses do interior e do exterior, bem como os seus numerosos amigos do estrangeiro, reclamavam nessas mensagens dirigidas às autoridades fascistas a amnistia geral e a libertação imediata de todos os presos políticos.

Muitos dos que participaram ou aderiram a essas iniciativas, estavam confiantes na vitória imediata. Não havia o novo chefe do governo fascista declarado, em seu discurso de posse, que "não queria ver os portugueses divididos entre si como inimigos e gostaria que se fosse generalizando um espírito de convivência em que a recíproca tolerância das idéias desfizesse ódios e malquerenças". Não tinha a censura permitido a publicação de um editorial no jornal de Lisboa "A CAPITAL", onde se sugeria a concessão de uma amnistia geral aos presos políticos por ocasião do Natal?

A realidade aí está e é bem reveladora do caráter fascista do novo governo presidido pelo "liberal" Marcelo Caetano: passou o Natal, passou o Ano Novo e os melhores filhos de Portugal continuam encarcerados ou exilados. A PIDE continua a prender, a torturar e a assassinar.

A libertação dos presos políticos e o regresso à pátria dos exilados, em condições de poderem participar livremente da vida pública, é uma reivindicação nacional, é um desafio à consciência dos democratas portugueses. Uma vez mais ficou provado que só pela luta decidida, ampla e audaz o povo português poderá conquistar a liberdade dos presos. Mobilizar, unir e levar as massas populares à luta, são as tarefas que se impõem ao movimento democrático nacional. Aguardar, conciliar ou confiar no inimigo, é trair o povo e as centenas de patriotas que se encontram presos pelo seu amor à liberdade.

## A J.P.P. reclama amnistia

A Comissão Executiva da Junta Patriótica Portuguesa da Venezuela, entidade que no país de Bolívar congrega os anti-fascistas portugueses mais combativos, enviou, por ocasião do Natal, ao novo ditador português uma vigorosa reclamação exigindo "amnistia para todos os presos políticos, especialmente para aqueles que tendem há muito cumprido as suas penas, continuam detidos em virtude da aplicação das arbitrarias medidas de segurança".

No mesmo documento a J.P.P. contesta a afirmação de Marcelo Caetano de que "cumpre negar energicamente que a idéia de organização corporativa esteja ligada a de regime de polícia" e desafia o chefe do governo a provar o contrário mandando restituir à liberdade todos os portugueses detidos por motivos políticos.

## Pelo regresso dos exilados

Cresce no país o movimento a favor do regresso dos exilados, especialmente dos cientistas e professores expulsos das universidades portuguesas pelo regime ditatorial que há mais de 40 anos pratica uma vil política obscurantista.

A cabeça deste movimento encontram-se os valentes estudantes portugueses. No Porto, os jovens universitários iniciaram a coleta de assinaturas exigindo o regresso ao país e reintegração na Universidade do Prof. Ruy Luis Gomes, há 21 anos demitido arbitrariamente de sua cátedra pelo fascismo. Também por ocasião do

aniversário do Prof. Ruy Gomes, ocorrido em dezembro passado, numerosas personalidades portuguesas, de todas as correntes políticas, enviaram ao ilustre matemático um telegrama manifestando o desejo de, em breve, o verem regressar à Pátria.

## Solidariedade da França

Subscrito por centenas de personalidades que participaram na manifestação de solidariedade ao Povo Português realizada na Mutualidade de Paris em 1.º de dezembro último, entre as quais se incluem nomes do maior relevo na vida política, intelectual e artística francesa, foi enviado a Marcelo Caetano o documento que abaixo transcrevemos. Na edição anterior deste jornal fizemos já larga referência à manifestação que reuniu mais de duas mil pessoas e se constituiu numa grande jornada de luta antifascista.

O texto é o seguinte: "Exmo. Sr. Marcelo Caetano, Presidente do Conselho, LISBOA — No momento em que o ditador Salazar desapareceu definitivamente da cena política e em que o regime fascista se encontra seriamente abalado, é forçoso constatar que o novo Governo que V. preside, longe de tomar as medidas que se impõem com vista a uma solução do problema político português, dá continuidade a uma política desastrosa de "repressão inexorável" e de guerra colonial reafirmada no seu discurso de posse.

Sejam quais forem as aparências, ou as mudanças de tática a que o seu Governo se vê obrigado a recorrer, os signatários estão conscientes de que não haverá verdadeira mudança em Portugal sem que primeiramente sejam atendidas certas reivindicações fundamentais do Povo Português, designadamente: — Anistia total para os presos políticos portugueses, a dissolução da PIDE, o término das torturas e assassinatos, a abolição das "medidas de segurança", o reconhecimento efetivo da liberdade de expressão e de organização para todos os portugueses, o fim das guerras coloniais e o reconhecimento do direito à independência imediata para os povos de Angola, Guiné e Moçambique.

Em razão do exposto os signatários, presentes à Reunião de Solidariedade e Apelo à Luta do Povo Português de 1.º de dezembro de 1968, apóiam firmemente estas reivindicações e comprometem-se, neste ano comemorativo da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a apoiar a luta que o Povo Português trava há mais de 40 anos contra o fascismo".

## Católicos protestam...

(Continuação da 1.ª pág.)

dificil. Será torná-lo mais difícil procurar soluções para as dificuldades? II — No nosso País temos um problema de guerra e paz. Ter-se-á feito tudo o que é possível para evitar a guerra, ou uma vez iniciada e continuada, terminá-la sem demora? III — "Abdicar" não é uma virtude. Dialogar será abdicar? IV — Morre muita gente na guerra. Não morrem dos dois lados? V — Há o "nosso lado". Mas qual é o lado dum cristão? VI — A informação forma a opinião. Pode haver opinião justa sem informação verdadeira? VII — Dizem-nos que duvidar é quebrar o moral da retaguarda. Será traição interrogarmos-nos como cristãos, ao menos uma vez, sobre o problema? VIII — Um português cristão que não ama os portugueses mente se disser que ama os argelinos. Mas a Pátria pode-nos exigir que detestemos os argelinos? IX — Um cristão tem uma cons-

## Estudantes Condenam Caetano

Estudantes de Portugal, Angola, Guiné, Cabo Verde, e Moçambique que estão realizando seus estudos em Moscou reuniram-se no dia 1 de Dezembro a fim de trocar informações sobre a luta nos seus respectivos países e debater questões relacionadas com o reforço da sua actividade conjunta e o estreitamento de laços de amizade e confraternização. A assembleia constituiu mais um passo no sentido da coordenação das actividades dos estudantes desses países na sua luta comum contra o fascismo e o colonialismo português e pela independência e liberdade dos seus povos.

No final foi aprovada a Moção que abaixo publicamos: "Estudantes de Angola, Guiné e Cabo Verde, Moçambique e Portugal, residentes em Moscou, reunidos a 1 de Dezembro de 1968 condenam decididamente:

1. A política fascista do novo governo português e as suas hipócritas "ideias liberalizantes".
2. A criminoso guerra colonial, exigindo o seu fim imediato, o reconhecimento do direito dos povos de Angola, Guiné e Cabo Verde e Moçambique à auto-determinação e à independência, e a imediata entrada em contacto do governo português com o M. P. L. A., o P. A. I. G. C. e a FRE-LIMO, unicos representantes desses povos.
3. A continuação da repressão, tanto em Portugal como nas colónias. Simultaneamente nem-se à onda de protestos contra os últimos assassinatos verificados em Portugal, nomeadamente o do jovem Herculano Augusto, morto por espancamento na rua, ao mostrar o seu descontentamento com a guerra colonial, e o do jovem Daniel Teixeira cuja morte obscura implica urgentemente a abertura de um inquerito sobre a mesma.

ciência cristã. Algum poder deste mundo pode exigir que ele renegue essa consciência? Terão todos os cristãos o direito de ver o problema do Ultramar à luz dessa consciência? X — A Paz é tranquilidade! Tranquilidade nossa? Só nossa? XI — Há quem fale de paz e esteja a falar da guerra. Como detectar as vozes do Espírito de Paz?"

Como é natural, a imprensa mais reacionária de Lisboa, incluindo o diário católico "A Voz", condenou em termos veementes e na forma capciosa que lhe é característica, a demonstração pacífica do citado grupo de católicos. Por seu lado a PIDE já iniciou uma série de perseguições aos supostos organizadores da "vigília", expulsando um padre espanhol que acusa de cumplicidade com os manifestantes e detendo diversos elementos católicos para interrogatórios. Curiosa evidência das disposições "liberalizantes" de Marcelo Caetano...

O governo fascista português continua a explorar o filão histórico. Depois do quinto centenário de Pedro Álvares Cabral vamos ter o quinto centenário de Vasco da Gama. Na sua estupidez, a propaganda do regime quer estabelecer pontes impossíveis entre o passado e o presente. Só lhe falta dizer que ambos eram salazaristas!

Quatro ministros de Marcelo Caetano visitaram a Base alemã de Beja. Um porta voz do Ministério da Defesa declarou que a colaboração "entre as Forças Armadas dos dois Países, ao abrigo do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é perfeita".

Numa demonstração de que o colonialismo português continua recebendo o apoio dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Alemanha Federal (e em certa medida o da França), o sr. Franco Nogueira declarou arrogantemente há algumas semanas: "Posso afirmar que os chefes militares das grandes potências ocidentais sentiriam a maior preocupação e o maior nervosismo se fossem abaladas ou enfraquecidas as posições portuguesas no mundo".

Em carta ao ex-deputado Cunha Bueno, o sr. Marcelo Caetano esclarece que visitará as colónias em março ou abril. Posteriormente, é sua intenção vir ao Brasil.

Na sua tentativa de captar as simpatias da emigração portuguesa da França, o governo fascista, por intermédio de entidades controladas pela Embaixada de Paris, edita naquele país cerca de uma dezena de jornais em língua portuguesa. Os resultados são medíocres: só por si o "Trabalhador" e "A Voz do Emigrado" — os dois jornais da emigração antifascista — têm uma tiragem superior a todas essas folhas.

Os motoristas de taxi de Lisboa pouco ganharão com o provável aumento da bandeirada de 2\$50 para 4\$00. A iniciativa do aumento é do Gremio dos Industriais de Automóveis. A maioria dos motoristas trabalham como assalariados.

O jornal fascista francês "Aspects de la France" publicou um artigo insurgindo-se com certas dúvidas levantadas pela revista norte-americana "Triumph" sobre a capacidade de Marcelo Caetano substituir o "insubstituível" Salazar. Para o jornal dos ultras franceses, Caetano é um sucessor magnífico.

O aumento obtido pelos ferroviários foi em média de 12,2%.

O famigerado SNI foi extinto. O órgão que o substitui e que terá funções semelhantes, chama-se Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Tanto os diretores gerais nomeados, como os inspectores superiores são, na sua maioria, elementos conhecidos pelas suas idéias fascistas, como é o caso de Ramiro Valadão.

Respondendo ao inquerito da "A Capital" — Que espera do novo ano — o ministro da Defesa, general Sá Viana Rebelo declarou entre outras coisas que "certas modificações na situação internacional" poderiam trazer vantagens para "os objectivos militares" perseguidos nas guerras coloniais. O fascismo português deposita grandes esperanças em Nixon.

Respondendo à mesma pergunta, o ministro do Interior, um dos ultras do Gabinete, disse esperar "que o acto eleitoral se revista da maior dignidade".

A resposta do ministro da Economia alimentou o aneddotário nacional: "Tenho a esperança de que o Dr. Salazar ganhe tanta saúde que lhe permita a alegria de nos ver cada um no seu mister, mas todos na primeira linha dos destinos de Portugal".

Anuncia-se que o novo Presidente do Conselho, dr. Marcello Caetano, embora fizesse parte do corpo associativo da Sociedade Portuguesa de Escritores, que, como todos se recordam, foi violentamente fechada pela PIDE, recusou, em entrevista com alguns intelectuais portugueses, a reabertura dessa Associação. Ao grupo de escritores, dirigido pelo poeta e crítico João José Cochofel, que o procurou para solicitar a reabertura, Caetano respondeu que nada poderia fazer. Esta resposta do Presidente do Conselho tem sido interpretada como mais uma prova de sua dependência perante a Polícia Política.

Multiplicam-se as tentativas, no Porto, para o renascimento de uma vida intelectual mais livre. Assim, recentemente foram realizadas conferências, com regular participação de público, sobre as-

suntos de grande interesse. A que reuniu maior assistência, versou sobre "A crise académica de 62". Embora não tenha sido aproveitada para tratar assuntos atuais, nem devidamente perspectivada, a palestra teve entretanto o grande mérito de chamar a atenção para um assunto de tão grande importância para a Universidade portuguesa. Dias depois, Flavio Martins falou sobre "Problemas da Agricultura" assunto que provocou um debate de grande interesse e uma proposta de criação de uma Academia de Estudos Económicos. Sobre este assunto realizou-se uma mesa redonda, dirigida pelos drs. Armando de Castro, Lino Lima e Eduardo Guerra. O dr. Oscar Lopes, ainda dentro do mesmo ciclo, falou sobre "Autores do realismo na literatura portuguesa contemporânea".

O jornal franquista "La Hoja del Lunes", em editorial destinado a esclarecer os seus leitores sobre a sucessão de Salazar, diz claramente que nada de importante vai mudar em Portugal. Depois de acentuar que Marcelo Caetano não procurará retificar o pensamento de Salazar, escreve: "superfletar na continuidade, não mudar de rumos".

É raro que diplomatas estrangeiros acreditados no Brasil façam declarações de apreço pelo regime português. O "Mundo Português" descobriu agora uma excepção: publica uma entrevista com um admirador entusiasta de Salazar: o embaixador Sansón Balladares, da Nicarágua, representante da dinastia ditatorial dos Somoza.

A adesão dos oportunistas de toda a espécie ao caetanismo prossegue. O "Diário Popular" de Lisboa, ao fazer o balanço do primeiro mês de governo do novo chefe da ditadura portuguesa, procura mistificar os leitores, insinuando que nesse trinta dias, o sucessor de Salazar realizou já uma grande obra...

Os pasquins da colónia, no Rio, insurgiram-se contra o almirante Celso José de Macedo Soares por críticas daquelas militares ao colonialismo português.

Para o novo Secretário de Estado de Informação e Turismo, sr. Moreira Baptista, ex-titular do SNI, os jornalistas portugueses têm sido símbolos das virtudes de uma profissão que merece o maior respeito, acrescentando que os órgãos de informação em Portugal têm sabido servir, por entre todas as dificuldades os mais altos interesses nacionais. Essas palavras, pronunciadas no discurso de posse, valem por uma antecipação de que será a liberdade de imprensa prometida pelo sr. Marcelo Caetano.

O jornal ultra colonialista "A Província de Angola" congratula-se com a próxima visita a Angola de Marcelo Caetano derramando elogios sobre o sucessor de Salazar.

No distrito de Beja, onde predomina esmagadoramente o latifúndio, o rendimento médio anual do operário agrícola é de 2 900 escudos e o do patrão de 186 900 escudos; no de Portalegre, também zona de latifúndio, o operário agrícola ganha a média de 2 800 escudos por ano e o patrão 214.000.

Quando o avião da TAP que inaugurou a nova linha Lisboa-Amsterdã aterrou no aeroporto daquela cidade holandesa, a luzida comitiva de figuras salazaristas que predominava entre os passageiros, estranhou a recepção. No avião principal tiveram de passar entre duas alas de jovens holandeses e de membros do Angola-Comité que empunham cartazes com os seguintes dizeres: "Os salazaristas são indesejáveis na Holanda", "Paz e Independência para os povos de Angola, Guiné e Moçambique", "Liberem os presos políticos portugueses e outros".

A Junta Patriótica Portuguesa da Venezuela comemorou como em anos anteriores, a passagem do aniversário da Revolução Republicana de 5 de Outubro de 1910. Além de depor uma coroa de flores junto da estatua do Libertador Simón Bolívar, na Praça do mesmo nome, a Comissão Executiva da Junta divulgou um manifesto, que a imprensa de Caracas reproduziu na íntegra, salientando que a solução do problema nacional não é a mudança de um tirano, mas sim a eliminação das atuais estruturas do Estado Novo, e a criação de um regime democrático que permita a convivência de todos os portugueses.

Numa demonstração de que as autoridades governamentais nada fizeram para realizar as obras indispensáveis ao escoamento das águas pluviais, Lisboa esteve prestes a sofrer uma inundação devastadora como a do ano passado. Um ano decorrido sobre a catástrofe em que morreram mais de 500 pessoas, chuvas torrenciais elagaram vários bairros, paralisando durante horas o trânsito de veículos e pessoas nas ruas da Baixa e na Avenida da República.

A maioria das delegações que participaram na Conferência Cultural e Científica da Unesco retiraram-se do plenário quando o representante do governo português Marçal de Almeida pediu a palavra. No momento, travava-se um debate sobre colonialismo e racismo.

(Continua na pág. 7)



# A Tuberculose em Portugal

## NOTAS & COMENTARIOS

(Continuação da pág. 3)

ciente de suas responsabilidades com todo o peso da sua razão e da sua força à custa de pesados sacrifícios em vidas e haveres ao desvario de que o Ocidente se deixou imbuir, defendendo praticamente sozinho a integridade da África Ocidental e Austral...

Mais adiante, depois de formular votos para que a ONU seja reformada, pois se tornou "elemento de perturbadora desunião, pernicioso, parcial, sem consciência e sem prestígio", lembra que a sua voz se vem erguendo há anos no Ano Novo, anunciando profeticamente todos os perigos terríveis que ameaçam o dito Ocidente, mas confessa-se perplexo: essa sua voz de almirante nenhum eco vem despertando! Daí uma dúvida shakespeariana: resultará esse silêncio da debilidade dos seus apelos ou será um sintoma "desastroso de estar a Civilização Ocidental já farta de viver, e preferir o suicídio à luta pela sua sobrevivência?"

A segunda parte da mensagem presidencial, consagrada ao elogio de Salazar e do colonialismo, é um documento no nível da visão que o seu autor tem dos problemas internacionais. Lembra orgulhosa-

mente o sr. Tomás que proclamou Salazar "benemérito da Pátria" ao inaugurar a sua estátua na terra natal do ex-ator, mas, atento ao que acontece já hoje com a memória do "benefactor" Trujillo, não deixa de confessar que "as repercussões internacionais da sua acção" não podem vir a ter a "projectão de outros vultos grandes da nossa história".

Assustado com o futuro, o sr. Tomás, no seu triste pio, volta-se ao terminar, para Deus, pedindo-lhe que ilumine toda a humanidade e acentuando que essa prece é um grito da sua alma dolorida (sic) formula os melhores votos pelas prosperidades das nações amigas. O fecho dir-se-ia extraído de uma sentença da Inquisição, no sec. XVI. Pede que sejam salvaguardados os interesses de Portugal (leia-se fascismo e colonialismo) daqueles que os têm hostilizado tão impensadamente. E acrescenta: "Que Deus também me ouça, neste meu voto final. Os portugueses, os maiores difusores da doutrina pregada por Cristo no Mundo, bem o merecem".

Assim termina a arenga do Ano Novo pronunciada pelo ex-presidente de um clube de futebol, investido por Salazar na chefia nominal do Estado Fascista Português!

## COLONIALISMO

(Continuação da pág. 6)

tação das chuvas — Maio a Novembro — o P.A.I.G.C., anuncia que durante esse período atacou e tomou dez campos entrancheirados e destruiu completamente quatro outros, fazendo 11 prisioneiros, cujos nomes divulgou oportunamente. Nesses seis meses, o Exército Popular de Libertação da Guiné e os comandos guerrilheiros destruíram 91 veículos militares, apressaram um navio, afundaram 14 e abateram 5 aviões, dois dos quais a jacto.

Reflectindo a desmoralização provocada pela guerra monstruosa de que são forçados a participar, os soldados portugueses mostram-se cada vez mais relutantes no cumprimento das missões criminosas que lhes querem atribuir. Não é de estranhar assim que o numero de deserções continue aumentando. As duas ultimas foram a do cabo Manuel Verissimo Viseu, da 15.ª Companhia de Comandos, e a do soldado Amílcar Manuel Guerra Rasquete, da Companhia CCS do Batalhão 1897.

A resposta colonialista à ofensiva permanente dos patriotas do PAIGC é a mesma de sempre: a violencia indiscriminada e criminosa. Durante a estação das chuvas foram bombardeadas com napalm numerosas povoações das zonas libertadas, entre as quais as aldeias de Mores, Baria, N'Comné e Cangalal.

Um governo que governa contra o povo não só impõe a esse mesmo povo toda a espécie de miséria como também não está interessado em resolver-lhe os problemas que advêm dessa miséria. Por isso, quando o nível de vida da população desce para além de certos limites, é sempre diminuto e ineficiente o arsenal de luta contra a tuberculose e contra as outras doenças que estão ligadas ao baixo nível de vida.

É isto que se passa em Portugal, "desgovernado" desde há quarenta e dois anos, contra os interesses da nossa Pátria e do nosso povo, por um regime fascista que é a ditadura de monopolistas nacionais e estrangeiros e dos grandes agrários, conjunto de exploradores que no povo apenas vêem os braços que produzem riqueza e que eles pagam a baixo preço.

Portugal confirma plenamente, nos dias que decorrem, aquela igualdade ultrapassada no presente por muitos povos do mundo:

Muita miséria = Muita tuberculose.

Tanta miséria e tanta tuberculose, que desde 1943 a 1962 (inclusive) — segundo elementos colhidos nos anuários demográficos do Instituto Nacional de Estatística — faleceram vitimados pela tuberculose 236.201 portugueses no continente e nas ilhas adjacentes. Esta cifra corresponde à elevadíssima média anual de 11.810 indivíduos que em cada um destes vinte anos foram vítimas desta doença.

Durante o mesmo período, o índice médio de mortalidade pela tuberculose foi de 151 por 100.000 habitantes, o que é sem dúvida um índice elevadíssimo, apenas ultrapassado pelo do Chile em 1949, no conjunto de 33 países dos cinco continentes, segundo um quadro estatístico da autoria de J. B. Dougall, publicado em 1950 no relatório epidemiológico e demográfico da Organização Mundial de Saúde.

De 1951 para 1952, o nosso índice de mortalidade pela tuberculose, em todas as suas formas, desceu de 133 para 97 por 100.000 habitantes.

## L. U. A. R.

(Continua na pág. 4)

2 — violaram gravemente a disciplina revolucionária da L.U.A.R., sendo por isso responsáveis da prisão na fronteira espanhola de três militantes da organização e, em Portugal, do insucesso e prisão de elementos de seu proprio grupo;

3 — pretenderam apoderar-se da parte dos fundos controlados pela organização, utilizando para isso repetidas vezes ameaças de morte acompanhadas de chantagem e calúnias, e não recuando mesmo perante a denuncia publica á PIDE, decide comunicar a sua expulsão da L.U.A.R.

Constatando ainda que estes elementos se rodearam de um grupo de que fazem parte Manuel Lucena, que se diz também membro da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, o qual agindo com duplicidade politica tinha já guardado para si uma certa soma da L.U.A.R., e José Hipólito dos Santos,

o Conselho Superior considera estes dois indivíduos co-responsáveis da usurpação do nome da L.U.A.R., bem como das denúncias e de todas as actividades delituosas realizadas a coberto desse nome."

O CONSELHO SUPERIOR DA L.U.A.R.

Este facto deve-se somente à utilização de modernas e mais eficientes técnicas no tratamento da tuberculose, pois foi precisamente em 1952 que começou a ser utilizada, em larga escala e em todo o mundo, a hidrazida do ácido isonicotínico, prescrito conjuntamente á estreptomomicina.

Devido a esta verdadeira revolução no tratamento da tuberculose, prosseguida posteriormente com o aparecimento de outros medicamentos cuja associação mostrou ser de grande eficiência, os índices de mortalidade pela tuberculose desceram muitíssimo em todos os países.

Em Portugal, porque o fascismo continua a ser fascismo, porque a miséria continua a ser miséria e porque o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos fatalmente teria de ser outra miséria a juntar-se a todo este miserável conjunto, continuamos a ter o mais elevado índice de mortalidade pela tuberculose, apesar de presentemente se poder afirmar, sem exagero, que em 80% dos casos esta doença é curável.

As cifras mais recentes, que se referem a 1964 (Boletim Epidemiológico da Organização Mundial de Saúde), informam-nos que os índices de mortalidade pela tuberculose referentes a 100.000 habitantes são os seguintes:

- Portugal, 31,8; R.D.A. 21,0; Austria, 19,0; Checoslováquia, 15,7; França, 15,6; Finlândia, 14,7; Bulgária, 14,2; Itália, 13,3; Grécia, 13,2; R.F.A., 12,7; Bélgica, 10,9; Suíça, 8,8; Inglaterra, 5,2; Noruega, 4,4; Dinamarca, 2,4 e Holanda, 1,9.

Mesmo no confronto com países da América Latina, vivendo todos eles — à exceção de Cuba — dominados por formas de autêntico neo-colonialismo, encontramos índices de mortalidade pela tuberculose bastante inferiores ao nosso. Assim, da mesma origem de onde extrairmos os elementos que serviram para o quadro precedente, colligimos as cifras que seguem, referentes à mortalidade pela tuberculose, em 1964, por 100.000 habitantes:

- Guatemala, 29,1; Panamá, 24,9; México, 24,0; Colômbia, 21,9; Porto Rico, 19,3; S. Salvador, 15,9; Cuba, 15,6; Venezuela, 14,6; Uruguai, 14,1; Costa Rica, 12,2 e Trinidad, 7,9.

E quantos tuberculosos existem em Portugal? Segredo de Estado, para não se poder calcular, em toda a sua extensão, a miséria e o abandono que o fascismo impõe ao nosso povo desde há 42 longos anos!

Miséria e abandono que se traduzem, para os portugueses, no mais baixo nível de vida na Europa. Abandono que se mantém e se traduz na existência do próprio "Instituto da Assistência Nacional aos Tuberculosos", que, a soldo do fascismo e servido por fascistas nos seus quadros responsáveis, nada tem feito de válido na luta contra a tuberculose em Portugal. Como atrás deixámos escrito, os

números falam por si, numa eloquência trágica e acusadora.

(Extrato de um trabalho a publicar brevemente intitulado "O Problema da Tuberculose em Portugal", da autoria do médico fisiologista Manuel Teixeira Ruela).

## ULTIMA HORA

### Faleceu António Sérgio

No momento em que fechamos esta edição do nosso jornal chega-nos a noticia do falecimento, em Lisboa, de António Sérgio.

Escritor, sociologo e historiador, Antonio Sergio, que contava 85 anos, foi talvez a mais eminente figura da nossa ensaística nos ultimos 50 anos, e a cultura portuguesa deve-lhe inestimáveis serviços. A sua firme opposição ao fascismo e o seu combate pela instauração em Portugal de um regime democrático e progressista conferiram, por outro lado, à sua pessoa o valor de um exemplo erigindo-o em modelo para muitos intelectuais do seu tempo.

"Portugal Democrático", sentindo a grande perda que a Nação acaba de sofrer, com o desaparecimento de Antonio Sergio, apresenta à familia do grande democrata as suas condolencias, reservando para o proximo numero os comentarios que a sua eminente figura merece.

## Pequenas Noticias

(Continuação da pág. 6)

● A imprensa fascista portuguesa recebeu com indistigável júbilo a eleição de Richard Nixon para a Presidência dos Estados Unidos. De modo geral, os jornais de Lisboa e Porto manifestam a esperança de que Nixon apoie de maneira ostensiva a politica colonialista de sr. Marcelo Caetano.

● Em consequência do aumento do desemprego em França, milhares de portugueses que para ali haviam emigrado clandestinamente encontram-se sem trabalho e sem possibilidades de voltar a Portugal onde seriam presos e processados. Em França iniciou-se já uma grande campanha para exigir do governo de Lisboa uma imediata anistia para o suposto crimes desses emigrantes portugueses.

● A venda de Portugal aos estrangeiros prossegue. Agora não são apenas os grandes monopolios que compram a vil preço as riquezas do País. Em dezenas de capitais europeias e americanas os jornais publicam anuncios de agencias especializadas oferecendo a venda de terras, por bom preço, em Portugal...

● Embora as terras de Malange apresentem baixa produção quando dedicadas à colonicultura, as autoridades vêm realizando um grande esforço no sentido de ampliar as areas onde as populações locais são forçadas a cultivar algodão. O resultado é a fome para dezenas de milhares de angolanos.

● O novo ministro de Estado, eng. Vaz Pinto, depois de exaltar o papel das classes dirigentes na vida portuguesa, declarou recentemente que Portugal precisa de se aproximar rapidamente do estágio de sociedade industrial. Com pouco mais de 300 dolares de renda per capita e ministros como o sr. Pinto a ambição situa-se no dominio das anedotas.



## agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES- 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO

**PORTUGAL DEMOCRATICO**

DIRETOR RESPONSÁVEL  
Otávio Martins de Moura

R. DE JANEIRO: Praça Floriano, 19 - 1.º - Tel.: 22-5686

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Rua Real da Torre, 819 — 1.º

CURITIBA: Antonio Serpa — Rua Dr. Murilo, 712

LONDRINA: Juno Duarte — Edifício Centro Comercial — Apto. 141

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese and Colonial Bulletin — 10 Fentiman Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Mercedes Guerreiro — 107, rue Valaenderstraat — Valaenderstraat — Vilveede — Belgique

HOLANDA: ANGOLA COMITE — Vinkenstraat 13 — Amsterdam — C.

CANADA: Portuguese Canadian Democratic Association 357 1/2 College St Box 153 Station B — Toronto 2 B — Ontário

A. dos Santos  
7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1  
Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo n.º 2.128 — Distrito 5 — Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro — Postovní Urad/Indríská UL. C.14 Schánka 646 — Praha 1 Tchecoslovaquie

FRANÇA: Grupo de Amigos de Portugal Democráticos — 2, Place François Villon — Escalier E — La Courvenneuve — Seine — França

REDAÇÃO:  
Rua Libero Badaró n.º 488 — 5.º and. sala 50 — Tel.: 37-0933 — São Paulo  
Caixa Postal 6248

Composto na  
Editora ESCRITOS Limitada  
Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE:  
Dias úteis: das 19 às 22 horas  
Sábados: das 15 às 19 horas  
Número avulso ..... NCr\$ 0,30  
Assinatura anual ..... NCr\$ 5,00

ANO XIII - Nº 137 - FEVEREIRO, 1969

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade



# HOMENAGEM DE INTELLECTUAIS PAULISTAS A URBANO TAVARES RODRIGUES

Escritores, artistas e intelectuais de São Paulo prestaram uma significativa homenagem ao escritor português Urbano Tavares Rodrigues durante a breve visita que o autor de "Pedrada no Charco" fez recentemente ao Brasil.

Ao jantar realizado, no dia 7, no Clube dos Artistas, compareceram dezenas de figuras representativas das letras, do jornalismo, das artes e da vida universitária, entre as quais Lygia Fagundes Telles, Helena Silveira, Paulo Emilio Salles Gomes, Decio de Almeida Prado, Mario Palmério, Lupe Cotrin Garaude, Ina Casanova, Rolando Roque da Silva, Jamil Almansur Haddad, Mario Leonidas Casanova, Odila Dudus, Nelly Novais Coelho, Suzana Leck, Ibiapaba de Oliveira Martins, Taibo Cadorniga, João Leite, Dacio de Arruda Campos, Ely e Paulo Magalhães Gomes, Maria Cecília Caldeira Christina, etc.

Em nome dos escritores brasileiros saudou o homenageado Lygia Fagundes Telles que, num improvisado comovedor, fez o elogio de Urbano Tavares Rodrigues como homem e como intelectual, acentuando que a sua obra e a sua vida tinham um valor de exemplo pela coragem e pela coerência com que o autor de "Os Insubmissos" soubera em seus livros colocar um grande talento ao serviço não apenas da sua verdade interior mas também da causa de um povo em luta pela sua liberdade.

## A SAUDAÇÃO DO COMANDANTE PIMENTEL

Saudando o homenageado, em nome dos escritores portugueses do Brasil, o sr. comandante João Sarmento Pimentel começou por declarar: "Por gentileza de D. Lygia Fagundes Telles é que eu tenho a honra de falar nesta reunião de tanta gente de prol". Só assim e porque, na verdade, o Brasil é terra de todas as possibilidades, poderia um mesteiral da letra de forma alinhar duas regras de boas vindas e congratulações a este famoso escritor, meu ilustre patricio e meu correligionário, Urbano Tavares Rodrigues. Ele é uma das mais corajosas figuras da resistência ao regime totalitário e na longa e triste peregrinação do exílio, amigo querido de um grupo de intelectuais e políticos que há dezenas de anos faz frente à crueldade da PIDE — a Gestapo reinol — e à estupidez lórga dos esbirros da Censura".

Mais adiante disse: "A bibliografia de Urbano já conta mais de trinta volumes publicados, 15 de ficção, 4 de viagens e 12 de ensaio e crítica. Como ele diz, "nada mais natural do que um intelectual socialista e profundamente liberal transportar consigo a sua concepção do Mundo para a obra que vai criar". O pensador, o clerc, o humanista actuante e corajoso, num dos últimos livros que li, afirma: "Atravessamos uma época maravilhosa e dramática; — dramática porque é de luta e tensão entre antagonicas concepções de vida; maravilhosa porque nela assistimos a conquistas da ciência aplicada que nos dão a sensação de vivermos antecipadamente a

hora em que se cumprirão as mais fabulosas esperanças da inteligência e da vontade humanas". Finalizando, disse: "Nessa luta sem tréguas, que comanda a dignidade da pessoa humana, tem Urbano Tavares Rodrigues uma nobre e gloriosa atitude, sem olhar a sacrifícios em que algumas vezes compromete gravemente a saúde, outras a sua própria liberdade. Temos, porém, de confessar que os meses que tem passado na cadeia são outras tantas belas páginas da sua vida de patriota exemplar, pensador incorruptível, democrata da mais rija tempera, lutador incansável e sem medo. O carinho e a amizade com que é recebido em São Paulo por tantos e tão distintas personalidades, mostra a fraternidade luso-brasileira no intercambio das causas da inteligência e vem dos nobres sentimentos de corações generosos, bons e irmãos. Eu sinto-me feliz, e até envidado, por participar desta homenagem a Urbano Tavares Rodrigues e só lamento não dizer mais e melhor de quanto ele merece, da mensagem de esperança que ele traz aos brasileiros de todos os portuqueses que aguardam ansiosamente a restauração da República e da Democracia em Portugal."

## PALAVRAS DE URBANO TAVARES RODRIGUES

Urbano Tavares Rodrigues principiou por agradecer aos intelectuais brasileiros o seu precioso apoio num transe amargo e recente da sua existência. Essa admirável manifestação de solidariedade na defesa dos valores do espirito — disse — continuava viva na sua memória e fazia com que São Paulo e a sua intelligentsia ocupasse no seu coração um lugar proeminente. Mais adiante, depois de saudar os compatriotas presentes, alguns dos quais eram amigos queridos da juventude, confessou-se impressionado pela atmosfera fraternal daquela reunião de escritores. Precisamente por isso pediu para acrescentar umas palavras sobre a posição do intelectual, e particularmente do escritor, no mundo de hoje, tal como a via. Reproduzimo-las a seguir:

"Os acontecimentos que, em ritmo acelerado, se produziram, no ano transcorrido, em todo o globo e que vão necessariamente projectar-se no futuro próximo, que estão mesmo alterando, de modo mais ou menos visível, os dias que vivemos, impõem ao homem do pensamento e da palavra uma imprescindível tomada de posição. Ao falar nesses eventos, refiro-me ao genocídio do povo vietnamita, às guerras de libertação, onde quer que ocorram, ao conflito racial e aos crimes do segregacionismo nos Estados Unidos, à grande explosão da juventude, que em todo o mundo pôs em causa o statu quo, ora exigindo a radical transformação de sociedades onde persiste a discriminação económica, ora ambicionando, no seio de comunidades progressivas, mas burocratizadas ou esclerosadas uma maior autenticidade e a sua efectiva participação na construção de um novo universo.

A minha opção é, a esse respeito, creio que inequívoca: ao lado da mocidade, limpa e generosa, do proletariado nas suas reivindicações e na sua ascensão de um mundo de treva ainda medieval para a justiça de uma sociedade socialista.

Não me iludo a mim próprio (e importante me parece que todo o intelectual advertido tome consciencia desse facto) acerca dos equívocos e das dificuldades da militancia na arte. Os erros da chamada literatura de encomenda que, afinal, a ninguém aproveita, por defeito de percepção, encontram-se já exumados. Simplesmente, se é certo que eu penso, como intelectual livre que me prezo de ser, que o compromisso fundamental do artista é com a vida, com a "leitura" do homem com a descoberta do seu eu profundo; se admito que o escritor de raiz, e demiurgo, ainda quando empenhado apaixonadamente na transformação do mundo, projecta na sua ficção menos a ideologia do que a idiossincracia, não deixo de pugnar por um esforço honesto e continuado de ajustamento de uma e outra, ou seja, da ideia que informa a obra (mundividencia do artista) e do sentimento que a irriga e dinamiza, que se verifica na praxis.



Urbano T. Rodrigues

Uma última palavra, que respeita à vinculação do escritor na comunidade e agora tanto à natureza da sua mediação como ao caracter imediato da sua acção cívica. Refiro-me à obrigatoriedade de dizer não — ou de contestar, como agora está na moda dizer-se. Mas a realidade que o vocábulo exprime é de sempre. Dizer não à prepotencia, ao farisismo, ao maniqueísmo, à concussão, à inautenticidade onde quer que medrem ou renasçam, nas sociedades fascistas como na sociedade imperialista tecnológica mais complexamente e inaparentemente repressiva, como nas próprias sociedades progressistas, onde (sendo como é difícil a "fabricação" de um homem novo) continua a haver iniquidades e compressões que importa contestar, por ingrata, dura e angustiante que possa ser essa missão. Só assim, avançando por entre espinhos e recusando a suavidade das rosas, o escritor se cumpre na sua obra e na sua vida.

## A NAÇÃO EXIGE:

O desaparecimento do ditador Salazar da cena política portuguesa e a sua substituição por Marcelo Caetano em nada alterou o caracter fascista do regime que há 42 anos oprime brutalmente o povo português. Porém, dadas as novas perspectivas de luta que se abrem no momento, as forças democráticas e o povo ressentem mais do que nunca a imperiosa necessidade de destruir de vez o Estado Fascista e de instaurar um regime verdadeiramente democrático.

O povo português exige:

- o reconhecimento efectivo da liberdade de expressão; a abolição imediata da censura; o direito de fazer reuniões públicas e de organização de correntes democráticas;
- a libertação imediata de todos os prisioneiros políticos; a amnistia total e o regresso dos deportados e exilados;
- a dissolução e a punição da P.I.D.E.;
- o fim das guerras coloniais e a independência imediata para as colónias.

Apoiemos por todas as formas possíveis a luta no interior! Contra o fascismo, pela liberdade, pela democracia e pela independência nacional!

Os Comitês de Ajuda à Luta do Povo Português.

## A luta dos ferroviários

A classe ferroviária, de tradicional combatividade no nosso país, lançou-se agora numa luta decisiva contra o regime português. Tendo sido apenas atendidas parcialmente as reivindicações que formulara, e sobre as quais publicamos desenvolvida matéria no nosso último número, o movimento, que abrange quase a totalidade da classe, continuou agora com uma semana de "luta" durante a qual todos os que trabalham nas estradas de ferro se apresentaram ao serviço com gravatas e braçadeiras negras, como protesto contra a nítida insuficiência dos salários que recebem. Esta manifestação é a primeira de uma série que pode levar os ferroviários à greve se não forem atendidas na totalidade as reivindicações que vêm apresentando desde novembro,

e que têm por meta o aumento de 1.000 escudos para todas as categorias. O movimento dos trabalhadores das ferrovias é o primeiro protesto trabalhista de grande porte, desde que Marcello Caetano subiu ao poder, e poderá servir como teste da reacção do continuador de Salazar perante os movimentos dos trabalhadores. Os observadores da situação portuguesa, entretanto, consideram que, desde já, o simples facto dos ferroviários terem sido forçados a lançar mão de manifestações deste tipo, abrangendo o país inteiro, mostra que a insensibilidade para com as necessidades proletárias, manifestada ao longo de quarenta anos pelo fascismo salazarista, não parece ter sido modificada com a subida ao poder de Marcello Caetano. E, a prová-lo, está o ridículo aumento concedido de 12% sobre os salários. Porém, os ferroviários prosseguem na luta até a satisfação total de suas reivindicações.

## Apelo aos leitores

"Portugal Democrático" vê-se novamente forçado a apelar para os leitores, amigos e assinantes, certo de que, uma vez mais, a sua ajuda material impedirá que a sua publicação seja interrompida.

Com o aumento do custo da composição, impressão e papel vinhamos já atravessando uma situação bastante difícil, que agravava o nosso deficit permanente. Entretanto, com a elevação recente das taxas do Correio aéreo — mais de um milhar de exemplares segue para os nossos assinantes do Exterior — vemos-nos colocados perante uma crise que ameaça a sobrevivência do jornal. Como primeira medida, somos forçados a aumentar para 5 dólares o custo da assinatura aérea anual para o Exterior. Mas, só por si, essa medida desagradável não resolverá os nossos problemas materiais. Precisamos que os nossos compatriotas e amigos do Canadá, da Venezuela, da França, dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Bélgica, da Alemanha Federal, e de outros países onde há fortes nucleos da emigração democratica portuguesa nos enviem, com urgência, contribuições especiais.

E quando lhe suceder ser vítima da verdade que assume, pois bem, temos de pensar (e ele proprio deverá pensá-lo) que ninguém é insubstituível e que outro virá colher das suas mãos a áspera flor da liberdade."

## O Natal do Prêso Político

Concluímos neste número a publicação das contribuições recebidas para o "Natal do Prêso Político". O montante apurado, como em anos anteriores, foi enviado para uma personalidade da Comissão Nacional para a Amnistia a fim de proceder a sua distribuição pelas famílias dos patriotas que se encontram nas masmorras fascistas.

	NCr\$
Transporte do n.º anterior	205,00
Carlos A. Neves	20,00
Francisco Gomes	10,00
Jaime Gonçalves	10,00
Francisco Lopes	10,00
Fausto Frazão	10,00
J. Saraiva	10,00
Maria Irolinda	5,00
César Telles	100,00
João Henriques	100,00
J. Mateus	10,00
Monte Cristo	10,00
Ratinho	10,00

TOTAL . . . . . 510,00

PORTUGAL DEMOCRÁTICO  
Rua Libero Badurá, 488 - 5.º - Sala 50  
Endereços de Assinantes